



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

BRUNA THAIZA SILVA NASCIMENTO

EXPOSIÇÃO DE ADOLESCENTES E JOVENS À VIOLÊNCIA: efeitos em trajetórias
de desenvolvimento de estudantes de escolas públicas em Belém - Pará

BELÉM/PA
2019

BRUNA THAIZA SILVA NASCIMENTO

EXPOSIÇÃO DE ADOLESCENTES E JOVENS À VIOLÊNCIA: efeitos em trajetórias
de desenvolvimento de estudantes de escolas públicas em Belém - Pará

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade Federal
do Pará como parte dos requisitos para a obtenção
do Grau de Licenciada Plena em Pedagogia, sob
orientação da professora Dr^a Lúcia Isabel da
Conceição Silva.

BELÉM/PA
2019

BRUNA THAIZA SILVA NASCIMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Licenciada Plena em Pedagogia, sob orientação da professora Dr^a Lúcia Isabel da Conceição Silva.

Prof.^a Dr.^a Lúcia Isabel da Conceição Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof.^a Ms.^a Adriana Dias de Moura (Examinadora)
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof.^o Ms.^o Mateus Souza dos Santos (Examinador)
Universidade Federal do Pará - UFPA

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ser meu guia e estar sempre comigo mesmo nos momentos em que achei que não conseguiria e, ter me auxiliado na superação das dificuldades desde a entrada na universidade, mostrando que os desafios são necessários para que consigamos alcançar os nossos objetivos.

Aos meus pais Damião Moura e Elizangela Cardoso, pelos sacrifícios que fizeram e também por terem me incentivado nos estudos, desde a infância, pois me mostraram a importância da educação, e foram essenciais para a minha formação enquanto educadora.

À minha avó Eunice Castro, por ter me incentivado a adentrar no ensino superior e pelos cuidados que tivera na minha infância e adolescência, sempre de maneira amorosa, revelando a importância do afeto no alcance dos nossos sonhos.

Ao meu padrasto Mário Neto, pela disposição em auxiliar nas minhas idas à universidade, acordando diariamente 4 horas da manhã para que eu pudesse pegar o transporte coletivo, demonstrando o apoio para que me dedicasse aos meus estudos, principalmente na realização dos trabalhos acadêmicos.

Ao Mateus Souza, pela amizade que, de maneira carinhosa (com abraços e sorrisos), tornara os meus dias ainda melhores durante a graduação e também pela disposição em esclarecer as minhas dúvidas sobre os componentes curriculares sobre o curso e a pesquisa.

Às amigas Bruna Stella e Thalita Maria, por estarem presente em todas as etapas do curso, também me incentivando por meio das conversas e do carinho fraternal.

Às amigas Luany Danielly, Izabela Corrêa e Marilene Oliveira, pela parceria nos trabalhos realizados nas disciplinas, pois auxiliaram no processo de formação e, também pelas alegrias compartilhadas durante a apresentação de trabalhos em eventos.

À Tatiane Germano, Rosely Maia e Rodrigo Santos, pelas conversas construtivas sobre a aplicação dos questionários e análise dos dados, mas também pelo afeto e atenção que ambos demonstraram nos encontros do grupo. À Maria Cândida, pelo companheirismo e paciência durante a coleta de dados em uma das pesquisas. E a todos do GEPJUV, pelas discussões essenciais nas reuniões, as quais possibilitaram o compartilhamento de conhecimentos.

À Prof.^a Dr.^a Lúcia Isabel da Conceição Silva, coordenadora do GEPJUV, pela minha inserção no grupo, a princípio como voluntária, após como Bolsista de Iniciação Científica e neste momento como orientanda de TCC, pois, por meio disso, pude ter mais contato com as etapas da pesquisa, possibilitando a realização de um sonho.

LISTA DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEPSH – Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos

FAED – Faculdade de Educação

FASE – Fundação de Atendimento Socioeducativo

GEPJUV – Grupo de Estudos e Pesquisa em Adolescência, Juventude e Fatores de Vulnerabilidades e Proteção

HAF – Homicídios por Armas de Fogo

ICED – Instituto de Ciências da Educação

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

OMS – Organização Mundial da Saúde

OBEJ – Observatório de Estudos em Defesa da Juventude

PIBIC – Programa Integrado de Bolsas de Iniciação Científica

SMAS – Secretaria Municipal de Assistência Social

UFPA – Universidade Federal do Pará

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Faixa etária dos Participantes.....	46
Tabela 02 - Distribuição da amostra quanto à cor.....	46
Tabela 03 - Exposição a eventos de violência na escola.....	49
Tabela 04 – Exposição à violência nas escolas.....	50
Tabela 05 - Correlação violência no bairro/ cor dos participantes da amostra....	52
Tabela 06 - Efeitos sobre a construção da subjetividade do jovem.....	55
Tabela 07 - Efeitos Comportamentais.....	56

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 01 - Relação quanto ao sexo dos participantes.....	45
Gráfico 02 - Distribuição quanto a faixa etária.....	48
Gráfico 03 - Tipificação de violência nos bairros.....	51
Gráfico 04 - Exposição à violência no ambiente familiar.....	52
Gráfico 05 - Agressor na violência Intrafamiliar.....	53
Gráfico 06 - Índices acerca da percepção de segurança nos bairros	54
Gráfico 07 - Relação dos sentimentos nos jovens.....	57

*/.../És tão jovem quanto a tua fé; tão velho
quanto a tua descrença. Tão jovem quanto a
tua confiança em ti e em tua esperança; tão
velho quanto ao teu desânimo.
Serás jovem enquanto te conservares
respectivo ao que é belo, bom e grande;
respectivo às mensagens da Natureza, do
homem, do infinito.
E se um dia teu coração for atacado pelo
pessimismo e corroído pelo deboche, que
Deus, então se apiede de tua alma de velho.*

(Autoria: Douglas Mac. Arthur em 1945)

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
2 EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS: UMA REVISÃO TEÓRICO-CONCEITUAL.....	13
2.3 Índices de violência contra a juventude.....	18
2.3.1 Violência: uma perspectiva processual.....	20
3 EFEITOS DA EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA	26
4 EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE BELÉM: OS DIFERENTES CONTEXTOS E EFEITOS EM SUAS TRAJETÓRIAS DE DESENVOLVIMENTO	39
4.1 INTRODUÇÃO	41
4.2 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	43
4.3 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

1 INTRODUÇÃO

O contato com as temáticas ‘adolescência e juventude’ iniciou com a minha entrada, no ano de 2016, como voluntária no Grupo de Estudos e Pesquisas em Adolescência, Juventude, Vulnerabilidade e Fatores de Proteção (GEPJUV). Num primeiro momento, centrei-me em pesquisar a temática “Cotas Raciais”, onde pude discorrer sobre a juventude negra e sua inserção na universidade. Este primeiro estudo culminou em uma apresentação no Fórum de Cotas, na Universidade Federal do Pará, no ano de 2016.

Neste período, fui efetivada como bolsista de iniciação científica (PIBIC) que, cujo Plano de trabalho intitulado **“Violência contra crianças e adolescentes: caracterização das demandas que chegam aos conselhos tutelares”** pretendeu caracterizar as demandas relativas às violências contra crianças e adolescentes que chegam aos Conselhos Tutelares e sua atuação frente a essas demandas.

Para isso, como procedimento metodológico, inicialmente, foi realizado um estudo teórico-conceitual para melhor compreensão teórica. Após, realizou-se uma pesquisa empírica no Conselho Tutelar III de Ananindeua/PA, por meio do *Formulário de Caracterização da Violência*¹, que possibilitou a coleta dos dados contidos nas fichas de registro do órgão.

Em continuidade como bolsista, no período de agosto/2017 a julho/2018, desenvolvi um segundo plano de trabalho intitulado **“Exposição à violência entre adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas de Belém e possíveis efeitos em suas trajetórias de desenvolvimento”** (NASCIMENTO, SILVA, 2017), que integrou o projeto **“Violência contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre o risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola e comunidade)”** (SILVA, 2017).

Este segundo plano trabalho, vinculado ao projeto referenciado acima, propôs investigar a percepção dos jovens estudantes do município de Belém/PA a respeito da exposição à violência em diferentes contextos, e os possíveis efeitos em suas trajetórias e contextos de desenvolvimento. Para alcançar esse objetivo, utilizou-se o *Inventário Sociodemográfico de Exposição de Eventos, Exposição e Percepção sobre a Violência*, com a finalidade de coletar dados acerca da exposição à violência.

¹ Instrumental composto por perguntas abertas e fechadas sobre os seguintes aspectos: dados de identificação de criança/adolescente; dados de moradia; escolaridade; idade; sexo; naturalidade; demanda (motivo do atendimento); nomes dos responsáveis; data da entrada; tipo de local onde ocorreu a violência; se a mesma foi comprovada; encaminhamentos e dados sobre o suposto agressor.

Este período como bolsista PIBIC me possibilitou ampliar as discussões sobre as categorias Juventude e Violência e, especificamente o meu segundo plano de trabalho me trouxe relevantes inquietações sobre a temática, por isso resolvi aprofundar os resultados deste plano para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Neste sentido, objetivamos neste trabalho compreender a exposição à violência em diferentes contextos (família, escola e comunidade) entre adolescentes e jovens estudantes de escolas públicas de Belém, e os efeitos desta exposição em suas trajetórias de desenvolvimento.

Para entender essa dinâmica interacional, pretendeu-se investigar as ocorrências de violência entre 643 estudantes de escolas públicas de Belém e, diante disso, caracterizar as variáveis sociodemográficas, identificar e categorizar a exposição à violência por meio dos dados obtidos, seja pelo tipo de participação, sujeitos envolvidos; ocorrências no contexto em geral.

Neste processo de compreensão da juventude em variadas experiências e contextos, notou-se a complexidade destas vivências e destes sujeitos. Alguns estudos (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007; LEON, 2007; POLETO; KOLLER, 2009) demonstram que esse tema vem sendo palco de discussão no meio científico, tendo em vista a necessidade de buscar uma compreensão mais aprofundada sobre as suas especificidades e as relações com a cultura, o que, portanto, perpassa as práticas realizadas nos contextos de desenvolvimento desses sujeitos.

Com isso, evidencia-se que a/s juventude/s é marcada por estereótipos, por vezes, não considerando aspectos sociais, conjunturais e as diferenças existentes. Assim, compreende-se que conceituar ‘juventude’ torna-se complexo, pois há inúmeras situações que podem, por exemplo, estar associadas à vulnerabilidade existente nos grupos juvenis, que perpassa os índices de pobreza, de desigualdade social, de desemprego, de problemas familiares e, portanto, das várias manifestações de violência inseridas em diversos contextos.

A juventude possui várias nuances, portanto, seu entendimento pode variar de acordo com o período temporal e a cultura existente, podendo ser compreendida por meio de várias vertentes conforme Souza (2004),

[...]circulam ideias no cotidiano que associam a juventude à noção de crise, irresponsabilidade e problema social e que carecem de políticas públicas. No entanto, abordar a juventude, na normalidade do seu cotidiano é tarefa importante, caso se queira empreender uma reflexão sobre a sociedade atual (p. 48).

Percebe-se que a definição de juventude está associada a cultura dos sujeitos, mas também à faixa etária ou grupo geracional, ou seja, e as experiências vivenciadas no ambiente social, podendo refletir os impactos causados pelos conflitos familiares, por situações de risco, que contribuem para a formação da identidade do jovem.

Este trabalho está estruturado em dois estudos que serão apresentados em formato de artigos científicos. O primeiro apresentará uma revisão teórico-conceitual sobre os temas: Adolescência/Juventude e Violência, a fim de compreender do ponto de vista conceitual, como essas etapas de desenvolvimento estão sendo abordadas na produção acadêmica. O segundo artigo discorre sobre os mesmos temas referenciados, no entanto se diferencia por apresentar e analisar de forma conjunta os resultados de uma pesquisa empírica, que buscou compreender a exposição à violência em diferentes contextos e as implicações desta na vida dos sujeitos.

Assim, vale destacar que foram analisadas variáveis, quanto à mudança de comportamento (hábitos), relacionadas a atitudes geradas em decorrência dos eventos de violência no bairro, verificadas por meio dos níveis de criminalidade nos bairros que estes jovens residem, buscando compreender a percepção destes sujeitos sobre o nível de segurança nos bairros e como suas vidas são afetadas por este fenômeno.

Os artigos estão articulados, com a finalidade de compreender, de modo geral, essa dinâmica entre a juventude e a violência, pois enquanto o primeiro deteve-se na discussão conceitual e panorama dos estudos sobre violência e juventude, o segundo buscou discutir a teoria com a pesquisa empírica.

2 EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS: Uma revisão teórico-conceitual

Bruna Thaiza Silva Nascimento²

Lúcia Isabel da Conceição Silva³

RESUMO

Este estudo tem por objetivo apresentar uma discussão teórico-conceitual a respeito da ‘adolescência/juventude’ e ‘violência’, de modo a identificar os aspectos centrais que perpassam o desenvolvimento desses sujeitos. A metodologia é constituída por uma revisão bibliográfica, onde utilizamos os descritores ‘Juventude’, ‘Adolescência’ e ‘Violência’, nas bases de dados Periódico da Capes/MEC e Scientific Electronic Library Online (SciELO) e, através da leitura prévia do título, dos resumos e palavras-chave, selecionamos os estudos que trataram diretamente do tema a ser estudado. Após seleção, foram definidas três categorias de análises: **1. Concepções de Adolescência/juventude.** **2. Juventude e Violência.** **3. efeitos da violência nas juventudes.** A revisão mostrou que o termo *adolescência/juventude* assume um caráter heterogêneo, na medida, em que é configurado por múltiplos significados, sendo estes relacionados às diferentes condições e trajetórias dos jovens. A *violência* é tratada na literatura como um fenômeno complexo, pois pode ocorrer de formas e circunstâncias diferenciadas. Já os *efeitos da violência* são vistos de modo amplo, pois estes são caracterizados pelos danos físicos e psicológicos a estes sujeitos. Verificou-se também que esses impactos, por vezes, estão relacionados a existência de outros fatores de risco no contexto familiar ou comunitário (uso de álcool, vulnerabilidade social, baixo autoestima, entre outros), sendo prejudiciais a esses jovens, interferindo, de modo negativo, na trajetória de vida destes. E assim, notou-se a importância do *coping* ⁴ na vivência desses sujeitos, com a finalidade de que consigam superar as adversidades.

Palavras-chave: Juventude. Violência. Fator de risco.

² Graduanda do Curso de Pedagogia- UFPA

³ Professora do Instituto de Educação – UFPA. Orientadora.

⁴“Concebido como o conjunto das estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se a circunstâncias adversas” (ANTONIAZZI, 1988, p.278)

ABSTRACT

This study aims to present a theoretical-conceptual discussion about 'adolescence / youth' and 'violence', in order to identify the central aspects that perpass the development of these subjects. The methodology is constituted by a bibliographical review, where we use the descriptors 'Youth', 'Adolescence' and 'Violence', in the Capes / MEC Periodical databases and Scientific Electronic Library Online (Scielo) and, through previous reading of the title, abstracts and keywords, we selected studies that dealt directly with the subject to be studied. After selection, three categories of analysis were defined: 1. Conceptions of Adolescence / youth. 2. Youth and Violence. 3. The effects of violence on youth. The review showed that the term adolescence / youth assumes a heterogeneous character, in that it is shaped by multiple meanings, these being related to the different conditions and trajectories of young people. Violence is treated in the literature as a complex phenomenon, since it can occur in different forms and circumstances. On the other hand, the effects of violence are seen in a wide way, since these are characterized by the physical and psychological damages to these subjects. It was also verified that these impacts are sometimes related to the existence of other risk factors in the family or community context (alcohol use, social vulnerability, low self-esteem, among others), being harmful to these young people, thus interfering in their life trajectory. And so, the importance of coping in the experience of these subjects was noted, so that they can overcome adversities.

Keywords: Youth. Violence. Risk factor.

2.1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho utilizamos, como marco, o conceito de violência definido por Faleiros e Faleiros (2007), segundo os quais é considerado um fenômeno complexo, caracterizado pela existência de poder entre os sujeitos, de modo que haja uma relação de opressão entre estes, exemplos disso: agressão psicológica, física, institucional, entre outras, sendo que estas formas de violência podem ser vivenciadas em diferentes contextos (família, escola, comunidade).

De acordo com Almeida (2010) há uma relação contextual da juventude com a violência, pois a juventude é compreendida como uma categoria social, com múltiplas significações, que são decorrentes da trajetória do indivíduo, na medida em que, este perpassa por situações de vulnerabilidade ou de exposição à práticas violentas.

A concepção de juventude é considerada, comumente pelo senso comum como uma etapa problemática, relacionada a transição para vida adulta e mais propensos a comportamentos de risco. Também muitas vezes, o jovem, por ter vários conflitos familiares ou na comunidade, é considerado como um “objeto de atenção”, que necessita de auxílio na superação de problemas pessoais e sociais (ALMEIDA, 2010, p.62).

Percebemos que a definição de juventude oscila entre duas significações, assim, desconsiderando as múltiplas significações nesta etapa de desenvolvimento, na medida, em que os jovens enfrentam diferentes realidades e também possuem diferenciadas formas de superação dos problemas vivenciados. Com isso, torna-se importante entender a juventude em interface às suas múltiplas características, tendo em vista que pode ser designada por fatores condicionantes, ou melhor, que exercem influência do ponto de vista social.

Sendo assim, este estudo teve o intuito de realizar a discussão teórico conceitual de ‘violência’ e adolescência/juventude’, para compreender os aspectos centrais, mas também os fatores de risco presente nas etapas de vida dos jovens, logo, também associando aos possíveis efeitos ao desenvolvimento destes. Para atingir tal objetivo foi realizado uma revisão de literatura, para analisar a produção acadêmica acerca da violência contra os adolescentes/jovens, e especialmente os efeitos da exposição à violência.

2.2 METODOLOGIA

Com a finalidade de alcançar os objetivos da pesquisa foi realizado, em primeiro lugar, um estudo de revisão bibliográfica para compreender como a literatura tem discutido o tema exposição à violência entre adolescentes e jovens e analisar os seus aspectos principais. Por meio da revisão notamos a necessidade de efetuar uma abordagem teórica conceitual dos termos ‘adolescência/ juventude’ e ‘violência’, visando entender de modo mais amplo essas categorias.

Treinta et al. (2014) assinalam que o estudo da bibliografia é realizado a partir do levantamento de informações, no qual o pesquisador utiliza-se de critérios de seleção ou técnicas de pesquisa, afim de identificar trabalhos científicos. Nesta direção, utilizou-se como procedimento de pesquisa uma busca simples nas bases de dados Periódico da Capes/MEC e Scientific Electronic Library Online (SciELO), tendo como base a leitura prévia do título, dos resumos e palavras-chave.

Em relação aos descritores utilizados, notou-se que – **Adolescência/juventude** – (DAYRELL, 2003; ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007; LEON, 2007; POLETO; KOLLER, 2009) abordavam o conceito de juventude, estando interligado ao conceito de identidade e as suas experiências no contexto social, ou seja, sendo configurado por múltiplos significados, vivenciados de acordo com a trajetória do jovem. - **Violência** – (ALMEIDA, 2010; SACRAMENTO, REZENDE, 2006; MOURA et al., 2014; LUGARINHO et al., 2017; FRANZIN et al., 2013, MINAYO, 2001; TAKEITI; VICENTI, 2015, entre outros), é tratada na literatura como um fenômeno complexo, pois pode ocorrer de formas e circunstâncias diferenciadas. entre outros. **Efeitos da violência** – (BRAGA; DELL’ AGLIO, 2012; PATIAS et al., 2016) são vistas por meio dos danos causados nas etapas de desenvolvimento dos jovens, podendo ser físicos, psicológico, e por vezes, associadas a outros fatores de risco, sendo explícitos no ambiente familiar ou comunitário.

Pela estrutura do estudo bibliográfico, pode-se caracterizá-lo como metá-análise qualitativa, na qual Bicudo (2014, p.14) afirma que “esse movimento pode ser efetuado individualmente pelo pesquisador, que se volta sobre sua própria investigação, portanto, sobre uma pesquisa; por um grupo de pesquisa que, em colaboração, analisa e reflete sobre um tema que abrange várias pesquisas”, ou seja, é caracterizado, em seu conteúdo, pelo levantamento de dados, que busca sistematizá-los por meio do conhecimento científico.

2.2 ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: Uma discussão conceitual

O Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013) estabelece que “§ 1º Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”, já a adolescência é caracterizada pela faixa etária dos 15 anos aos 18 anos, portanto, temos que a fase da adolescência também é identificada como juventude. (BRASIL, 2013)

Já a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece que “a **adolescência** corresponde à faixa etária de 10 aos 19 anos; já a **adolescentes/jovem** é de 15 aos 19 anos, **jovem/jovem** é de 15 aos 24 anos e **adultos/jovem** dos 20 aos 24 anos” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2007).

Dayrell (2003) considera que a juventude é complexa, pois está vinculada a uma série de características existentes nos grupos de jovens, podendo ser descrita como uma fase de existência da multiplicidade, onde podem ser definidos como uma etapa de transitoriedade para fase adulta; da concepção romântica; ou de conflitos familiares. Tendo em vista isso, nota-se a presença da diversidade juvenil, estando relacionada ao contexto em que este sujeito está inserido.

Alguns estudos apontam (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007; LEON, 2007), que a juventude pode ser definida por diferentes concepções, tendo como base a faixa etária, uma geração, onde ambas estão interligadas a uma fase que assume caráter transitório, que busca a maturidade, adquiridas através das experiências vivenciadas pelos adolescentes.

Nesse sentido, Leon (2007) trata que ambos os termos adolescência e/ou juventude assumem um caráter heterogêneo, pois estão associados a inúmeros aspectos, como o modo de se relacionar no âmbito familiar e/ou social, estando inclusos os valores/cultura de um grupo. Portanto, pode-se notar que a construção da identidade destes sujeitos pode variar de acordo com as vivências ou trajetórias que influenciaram de alguma forma nas etapas do seu desenvolvimento.

Nesta direção, Dayrell (2011) destaca que a juventude é considerada uma categoria social, que está relacionada a várias situações presentes na vivência do jovem, como o fator econômico, cultural e/ou as relações estabelecidas com outros indivíduos, ou seja, por meio da socialização. Além do mais, a juventude também pode ser descrita como uma fase em que o sujeito é o protagonista, ou seja, possui o papel de agente transformador, ou construtor do seu futuro, sendo assim, essa etapa pode ser caracterizada pela efemeridade.

Abramovay et al. (2015) evidenciam que existem parâmetros diferentes na definição do conceito de quem é ‘jovem no Brasil’, pois as instituições anteriormente citadas (Organizações e Conselhos de Juventude) podem adotar critérios distintos, tais como: fator biológico e/ ou o contexto social para discussão sobre a concepção de juventude. Logo, essa etapa pode ser caracterizada pela construção de autonomia, pela conquista material, dependendo da classe social, mas sendo vista por meio de delimitações, ou seja, da vulnerabilidade.

Nesta perspectiva, Dayrell (2013), também destaca que a definição do “ser jovem”, por vezes, possui esse caráter efêmero, pois perpassa as significações sociais estabelecidas, onde é enfatizado o ponto de vista do “vir a ser”, evidenciando que as suas ações refletirão no que está por vir. Desse modo, enaltecendo os sonhos a serem realizados na fase adulta, desvalorizando o presente.

Seguindo este viés, Poletto; Koller (2009) abordam dois aspectos presentes nas fases de desenvolvimento do indivíduo: fatores de risco e fatores de proteção, sendo que ambos podem interferir no ciclo vital desses sujeitos. ‘Fatores de risco’ estão relacionados à presença de eventos negativos que podem desencadear problemas psicológicos, emocionais, físicos, entre outros. Ainda, esses eventos negativos podem se relacionar, nos diversos contextos, com outras variáveis que afetam de alguma forma as etapas de desenvolvimento do indivíduo. Logo, nota-se que dependendo do contexto vivenciado, os fatores de risco podem assumir outro significado, influenciando, de modo positivo, na superação das dificuldades desses eventos.

Portanto, notamos que a concepção de adolescência/juventude assume parâmetros diferenciados, pois é designada por uma série de características: faixa etária, o ‘vir a ser’, ou até o contexto social do sujeito. O jovem, por vezes, é compreendido sob prisma de uma etapa transitória, entretanto, as relações sociais assumem papel de destaque na formação desse sujeito, pois estas relações influenciam na trajetória de desenvolvimento.

Tendo isso em vista, percebemos a importância de conceber a juventude como uma categoria, que está associada a várias vertentes sociais, como: situações de vulnerabilidade, pobreza, violência, e assim, realizar uma análise sobre os índices de violência entre os jovens, verificando as ocorrências, pelas taxas de homicídios, de situação de risco, ou seja, pela vitimização desses sujeitos na sociedade brasileira.

2.2 Índices de violência contra a juventude

Segundo o Atlas da Violência (2017), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), desde a década de 80 os atos de violência que atingem os jovens ganharam grandes proporções, sendo a faixa etária mais atingida está entre 15 a 29 anos, vítimas de homicídios. Isto, podendo ser demonstrado pelos elevados índices entre os períodos de 2005 a 2015, onde houve variação dos quantitativos entre 26793 e 32436, sendo que o ano que obteve maiores taxas foi em 2014 com 32436 dos casos (CERQUEIRA, 2017).

O mapa da violência (2016) trouxe informações mais específicas, onde foram analisados os dados de homicídios por armas de fogo (HAF) no Brasil. No período de 1980 a 2014, os dados apontam que o índice de natalidade populacional aumentou, assim como o de mortalidade (homicídios) de jovens, tendo variado, em 1980 com 3159 registros e 2014 com 25255 ocorrências (WASELFISZ, J.J, 2016, p.49).

Além disso, Waiselfisz (2016) analisa as taxas de criminalidade, mais especificamente os atingidos pela arma de fogo, nas regiões norte, nordeste, sudeste, sul e centro oeste. Estes dados reafirmam que a faixa etária mais afetada está entre os 15 e 29 anos. Em relação as regiões, foi observado que as maiores demandas deste tipo de violência se concentram na região nordeste, com 11363 dos casos e no sudeste com 6794 de ocorrências.

Nesse cenário, observa-se a situação de risco presente na juventude, entretanto, segundo o Ministério da Saúde (2017), “... os adolescentes são violentados em seus direitos básicos de dignidade, fortalecendo a tendência a exclusão social e à elevada vulnerabilidade, que favorecem a prática de atos infracionais” (p. 55).

Apesar dos direitos básicos não serem o foco direto deste trabalho, pode-se perceber a amplitude das diversas formas de violência em que os adolescentes/jovens estão expostos, podendo ser vistas pela negligência a saúde, educação e pelos atos agressivos cometidos contra estes.

A pesquisa realizada pela Secretaria Nacional da Juventude e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2017) indica o risco presente nas 27 unidades da Federação, onde considera-se a maior vulnerabilidade presente entre os jovens de faixa etária entre 15 e 29 anos. Nessa pesquisa, foi constatado que os estados brasileiros que possuem mais casos de exposição à violência, ou seja, “alta vulnerabilidade” entre os jovens se concentram em doze estados, sendo oito da região nordeste, a saber: Alagoas, Ceará, Pernambuco, Maranhão, Paraíba, Bahia, Sergipe, Piauí, e quatro da região norte, a saber: Pará, Roraima, Amapá, Amazonas. As escalas para calcular estes índices foram de 0,0 até 0,1. Quanto mais próximo do valor 0,1, maior seria o risco entre os jovens. Ainda, verificou-se que ambas as regiões brasileiras com “altas vulnerabilidades” possuíam parâmetros aproximados entre 0,4 a 0,5.

Outro fator constatado é a questão racial. A desigualdade racial é apontada como um dos fatores para o aumento das situações de violência, sendo os jovens negros os mais atingidos, com média de 2,71 de probabilidade de serem assassinados do que os jovens brancos no Brasil (IMBASSAHY; FILHO, 2017).

Nesta perspectiva, foi observado que o cálculo dos índices de vulnerabilidade juvenil (IVJ), teve como parâmetros **“mortalidade por homicídio/acidentes de trânsito”, “desigualdade”, “frequência escolar”, “situação de emprego, pobreza”, e o “risco relativo entre negros e brancos”** (onde foram considerados os maiores índices de mortalidade de jovens negros em relação aos brancos). Os autores constataram que os estados brasileiros com maiores índices de Vulnerabilidade Juvenil foram: Alagoas (I = 0,489), Ceará (0,487) e Pará (0,471), tendo como ano base 2015. (IMBASSAHY; FILHO, 2017).

2.2.1 Violência e Juventude: uma perspectiva multidimensional

Segundo os estudos de Almeida (2010); Sacramento, Rezende (2006) ; Moura et al. (2014) e; Lugarinho et al. (2017), a violência pode ser caracterizada como um fenômeno multifacetário e como um problema social, pois ocorre de diversas formas e em circunstâncias diferentes, dependendo do contexto e da cultura pertencente.

Além do mais, os estudos de Almeida (2010) e Lugarinho (2017) afirmam que os atos violentos estão relacionados ao surgimento de impulsos agressivos nos indivíduos, estes justificados pela personalidade que possuem. Portanto, sendo resultante dos fatores biológicos e sociais deste sujeito, ou seja, são considerados combinação da genética com as relações estabelecidas no meio social.

Entretanto, Lugarinho (2017) e Franzin et al (2013) demonstram que situações violentas estão relacionadas a problemas sociais e de saúde, pois repercutem em mais agressividade e, dependendo da forma que o sujeito lida com isso, pode ser prejudicial de maneira psíquica, sendo desencadeadoras da irritabilidade e do estresse.

Nesse sentido, Franzin et al. (2013, p.5) destacam que a vulnerabilidade à violência na adolescência é caracterizada pela “violação aos direitos humanos”, ou seja, não possibilitando a garantia dos direitos básicos dos sujeitos: saúde, educação, entre outros. Com isso, resultando no aumento da desigualdade social e situações de risco. Tendo isso em vista, é apontado que a exposição a situações de risco, como pais em conflito com a lei ou usuários de drogas pode aumentar a probabilidade da ocorrência de eventos contra estes jovens. Sendo assim, é fundamental o papel do âmbito familiar para que haja uma transmissão de

valores/hábitos que influenciem de modo positivo na construção da personalidade desses adolescentes e jovens.

Cabe frisar, que o termo “violência” pode ser inserido em várias situações para destacar casos diferenciados, pois, segundo Sacramento; Rezende (2006), a sua nomenclatura possui um caráter polissêmico, podendo ser designado para demonstrar eventos de homicídios e/ou suicídios, maus tratos físicos, psicológicos, no qual estes atos violentos podem ser presenciados no âmbito familiar, profissional, familiar, conjugal.

Para Minayo (2001), as formas de violência e suas expressões na infância e adolescência podem ser divididas em: violência estrutural, intrafamiliar e delinquência. A primeira é definida como “aquela que incide sobre a condição de vida das crianças e adolescentes, a partir de decisões histórico-econômicas e sociais, tornando vulnerável o seu crescimento e desenvolvimento”, ou seja, que possui como fator de risco a condição socioeconômica em que o sujeito está inserido, o qual é demonstrado por meio da situação da desigualdade social e da situação de pobreza, isto podendo ser visto pelos índices de analfabetismo de adolescentes no País, pela exploração de trabalho infanto-juvenil e pela institucionalização desses jovens.

Já a violência intrafamiliar, segundo Minayo (2001), é vista como algo que é cometido contra esses sujeitos na esfera privada, sendo subdivididas em violência física, sexual, psicológica e negligência. A primeira caracterizada como:

O uso da força física contra a criança e o adolescente, causando-lhes desde uma leve dor, passando por danos e ferimentos de média gravidade até a tentativa ou execução do homicídio. Em geral, as justificativas para tais ações vão desde a preocupação com a segurança, a educação, até a hostilidade intensa (MINAYO, 2001, p.96)

Nesta tipificação de violência nota-se a presença de castigos severos, algumas vezes sendo configurados como uma forma de educar e/ou disciplinar o jovem, entretanto, tais atos podem acarretar desde danos leves ao indivíduo até a morte deste, dependendo da gravidade da situação.

Para Minayo (2001), a tortura e/ou violência psicológica pode ser caracterizada por meio da ameaça direcionada a estes jovens, podendo de alguma forma afetá-los emocionalmente. Nesse sentido, a negligência pode ser indicada como a omissão relacionada às necessidades básicas do indivíduo (no âmbito da saúde, educacional, entre outros), podendo ser advinda dos pais/responsável e/ou da sociedade.

Minayo (2001) associa a delinquência à violência estrutural, devido atingir os sujeitos que estão em situação de vulnerabilidade social, os que cumprem medidas socioeducativas, os negros e mais pobres, ou seja, percebe-se que essas categorias são as principais vítimas de extermínio, logo, possuem os maiores índices de mortalidade.

Também pode-se observar, que Takeiti e Vicenti (2015) complementam tal ideia, afirmando que estas expressões de violência estão cada vez mais presentes na juventude, sendo associadas ao território a que os sujeitos pertencem, ou seja, ao modo de vida, e aos direitos que não lhes são assegurados e/ou garantidos. Nesse sentido, o autor destaca que os jovens de periferia podem ser vistos acometidos por uma série de formas de violência, desde a estrutural à simbólica, devido a situação de vulnerabilidade.

Com isso, é destacada que a vulnerabilidade está mais presente entre os jovens da periferia, portanto, a vida destes sujeitos é caracterizada da seguinte forma:

.../Quando a vida é reduzida à dimensão meramente biológica, apolítica e, portanto, destituída de direitos. Este é o caso da morte de jovens na periferia e seu caráter de clandestinidade. A violência sem limite experimentada pelos jovens no território fragmentado da periferia tem como consequência a manutenção do sujeito sempre em alerta máximo (TAKEITI; VICENTI, 2015, p. 953).

Nesta perspectiva, percebe-se a relação de situações de risco mais evidenciadas com jovens que moram nas periferias, pois são contextos sociais de grande violência, onde são cotidianas as situações de roubos, de tráfico de drogas, abordagens policiais violentas, homicídios e suicídios, que pode ser visto como uma consequência da multiplicidade de violência existente na sociedade.

Valenzuela et al. (2006) realizaram uma investigação de caráter exploratório sobre a percepção dos jovens no que tange à violência nas escolas e na comunidade, por meio das diferenças destas nas escolas públicas e privadas, utilizando roteiro e o diário de campo durante a coleta de dados. Vale destacar que tal pesquisa foi realizada com 11 (onze) grupos focais, sendo que cada grupo possuía de 8 (oito) a 12 (doze) participantes, e que os resultados obtidos tiveram como base 5 (cinco) grupos da rede pública e 6 (seis) da rede privada. Os resultados demonstram que:

Os resultados indicam, conforme a literatura, que a escola deixou de ser um oásis ou uma ilha e, apesar das medidas por ela tomadas, reflete uma sociedade em que a violência é cotidiana e diuturna. Os participantes, tanto dos estabelecimentos oficiais como dos particulares, tinham conhecimento de pessoas que haviam praticado ou haviam sido vítimas de crimes e contravenções (VALENZUELA et al., 2006, p. 17).

A partir disso, pode-se verificar que em relação às situações e/ou casos de violência, o ambiente escolar não é visto como um local isolado, pois este acaba refletindo a violência da sociedade, além de construir suas próprias formas de violência, tendo em vista que as representações e situações adentram e podem ser demonstradas na escola.

Nesta perspectiva, Valenzuela et al. (2006) expõem nos resultados que em ambas as escolas (redes públicas e privadas), os participantes relataram que tinham contato com pessoas que já foram agressores ou vítimas de casos de violência em quaisquer ambiente. Entretanto, foi observado também que nas escolas públicas há mais frequência de alunos que tem alguma relação com gangues, que buscam intimidar outros sujeitos e/ou utilizar-se de agressão física, e nas escolas da rede de ensino privada percebeu-se que, também, há casos de grupos que possuem interesses diferentes, e estes podem ser representados pelos ditos “mauricinhos”, cuja finalidade pode ser vista como disputa de poder e/ou para reunir-se para ingerir bebida alcoólica, podendo ser considerado como um fator de risco para incidência de atos violentos.

Foi notado também que nas escolas públicas, enquanto a família possui um certo distanciamento da realidade e/ou da vivência dos adolescentes e/ou jovens, nas escolas particulares há uma pressão sobre os jovens por parte da família, para que não se envolvam em casos de violência e um maior controle/fiscalização das escolas para prevenir estas situações (VALENZUELA et al. 2006).

Já Moura et al. (2014, p. 514) enfatizam que a violência no Brasil está relacionada “às questões históricas e culturais, são os principais fatores atrelados à naturalização e banalização da violência. Esta vem sendo apontada como um evento crescente, se fazendo presente nas relações interpessoais, nos espaços institucionais, familiares e comunitários”, ou seja, as ocorrências destes atos violentos são identificadas na origem histórico-cultural, onde compreendia-se que a educação estava atrelada à coerção física e/ou verbal, desse modo, tornando a violência como algo natural e banal.

Complementando isto, Assis et al. (2004) caracterizam que as atitudes violentas dependem do modo de se relacionar dos sujeitos, mas principalmente da cultura pertencente. Nesse sentido, os autores consideram que em grande proporção os acidentes podem ser vistos sob o prisma de alguma tipificação de violência, devido algumas vezes serem ocasionados por alguma negligência dos jovens ou omissão na prestação de ajuda e/ou socorro à vítima.

Outro aspecto destacado na publicação de Assis et al. (2004), considerado como efeito da exposição à violência, é a percepção que o adolescente e/ou jovem tem sobre si, ou seja, o autoconceito que constrói no decorrer das etapas de desenvolvimento, que pode afetar o modo

como este se relaciona e a sua autoconfiança e autoestima tanto no contexto escolar, quanto no familiar e social.

Outra questão discutida é a prevenção da violência contra adolescentes e/ou jovens. Destaca-se que:

A sensibilização e a capacitação dos profissionais é condição primeira para se incorporar a violência como problema a ser enfrentado pelas equipes de saúde, da família, e para que se comece a discutir os casos existentes no território, se façam as alianças intersetoriais necessárias e se elaborem os projetos de cuidados (ALVES; ROSA, 2013, p.55).

Tendo isso em vista, observa-se que o primeiro item enfatizado trata de considerar a violência como um problema social, que necessita do envolvimento em vários âmbitos, como: escolar, da família, para que, assim, se tenha uma aliança intersetorial para a minimização da violência sofrida, ou seja, para que haja uma rede de informações entre os profissionais da saúde e de outras áreas, visando a criação de estratégias, cujo objetivo seja intervir em escala social e em prol da defesa dos direitos de crianças e adolescentes/ jovens por meio da criação de políticas públicas.

Ademais, um dos aspectos relevantes são as estratégias da violência simbólica, que podem ser vistas como:

/.../Todas as estratégias simbólicas por meio das quais os agentes procuram impor a sua visão das divisões do mundo social e da sua posição nesse mundo podem situar-se entre dois extremos: o insulto, idio logos pelo qual um simples particular tenta impor seu ponto de vista correndo o risco da reciprocidade; a nomeação oficial, ato de imposição simbólica que tem a favor toda a força do coletivo, do consenso, do senso comum, porque ela é operada por um mandatário do Estado, detentor do monopólio da violência simbólica legítima (BOURDIEU, 1989, p. 146).

Com isso, percebe-se a atuação de vários aparelhos ideológicos, como a escola, a família, onde estes agentes buscam reproduzir normas por meio da coação dos indivíduos, por vezes impondo regras ou simbologias existentes no meio social, vistas sob a concepção do senso comum. Logo, esta luta simbólica consiste na imposição de poder, em que o Estado possui o poder centralizado, exercendo esta força por meio desses aparelhos ou mecanismos destes e sendo, com isso, considerado como único agente que pratica a violência simbólica.

O poder simbólico possui um caráter efêmero, em que há uma “competição contínua, visando a aquisição e o controle de diversas espécies de poder ou capital”, podendo ser vista sob o prisma do jogo de interesses entre os atores sociais, utilizando-se da coerção física ou

simbólica para obter algo e, com isso, reprimindo valores ou crenças dos envolvidos (ROSA, 2017, p. 6).

Esta forma de violência está presente em vários espaços sociais, e a mesma é vista sob a concepção de uma luta entre as simbologias ou poder, podendo ser caracterizada por meio de estratégias do Estado em manter o controle social, atuando por meio de entidades representativas, que visam os interesses da classe dominante, e assim, coibindo as camadas populares na defesa dos seus direitos

Também foi verificado que os estudos de Alves; Rosa (2013) e Benetti et al., (2010) estão relacionados à saúde, porém os primeiros com a intenção de analisar publicações no período de 2005 a 2010, mas tendo como critério de seleção os artigos que abordassem a prevenção da violência contra adolescentes e jovens ou a promoção da saúde pública.

Já o estudo de Benetti et al. (2010) teve como foco a exposição à violência de crianças e adolescentes, onde consideraram os fatores de risco presentes nessa trajetória, porém estas relacionadas aos possíveis problemas de saúde mental. Neste estudo foram aplicados inventários de Eventos Estressores para verificar os índices de exposição à violência envolvendo adolescentes, onde participaram 245 sujeitos, sendo 114 do sexo masculino e 131 do sexo feminino. Com isso, os autores notaram que os diagnósticos clínicos podem estar relacionados à ocorrência de eventos negativos na infância e adolescência, e estas práticas podem repercutir em problemas psíquicos nessas etapas de desenvolvimento, e podem apresentar atitudes agressivas, escalas de ansiedade/depressão, problemas sociais, problemas de delinquência, entre outros.

Portanto, neste estudo procurou-se identificar os dados sociodemográficos dos jovens que vivenciaram, de alguma forma, situações de violência e, categorizar a exposição desta por meio da identificação dos eventos, da forma de participação, entre outros. Em comum entre todos os estudos citados, está a alta exposição à violência vivenciadas pelos jovens, com maior gravidade entre os jovens pobres e moradores das periferias.

Assim, notamos a abrangência da temática exposição à violência pois muitas vezes estão associados a fatores de risco na trajetória de desenvolvimento dos jovens, com isso, possibilitando no surgimento de efeitos ou danos a esses sujeitos, logo, interferindo de modo significativo na vivência destes.

Portanto, podemos perceber que a discussão sobre violência é ampla, pois engloba fatores como: os atos agressivos, a violação dos direitos humanos, ameaças e opressão, assim, a sua exposição pode aparecer em diferentes circunstâncias, tanto no ambiente escolar, quanto familiar e comunitário. Também notamos que os atos agressivos, opressão, ou ameaças

podem ser considerados como potenciais fatores de risco, para o desenvolvimento dos jovens, pois essas práticas podem ser reproduzidas por esses sujeitos diante de outras situações, assim, resultando em mais agressividade nas relações com outros sujeitos.

Já em relação a violação dos direitos humanos, estas podem ser exercidas por pessoas, órgãos ou entidades, podendo ser caracterizada também pela violência institucional, que pode ocorrer pela negligência de serviços ou informações. Nessa medida, verificamos que os sujeitos, mais especificamente a juventude, está passível a várias formas de violência, sendo demonstrado pelos altos índices de homicídios, mas por outras situações de risco vivenciadas por estes, como pela pobreza e desigualdade social.

3 FORMAS DE EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA

Em relação ao caráter múltiplo da violência, Patias et al. (2016) indicam que existem vários fatores que vão demonstrar a incidência de efeito que teve sob o comportamento dos jovens, estes são: **a exposição de violência (direta ou indireta), o tempo de exposição e o tipo de violência**, entretanto, é destacado também o *coping*⁵, como um importante fator que pode interferir, de modo positivo, são exemplos disso, a boa autoestima, a auto eficácia e a rede de apoio

Sá et al. (2009) abordam que a exposição à violência (direta ou indireta) é uma categoria relevante, que pode ocorrer no âmbito familiar ou extrafamiliar (violência doméstica e urbana). Nesse sentido, é visto que as formas de exposição à violência podem ser por **vitimização**, ou seja, o jovem sofre alguma forma de violência, podendo ser física ou psicologicamente, de **exposição direta**, em que o sujeito presencia a violência (assassinato, agressão, entre outras) e **exposição indireta**, configurada pela presença de um amigo que já foi o agressor ou sofreu alguma forma de violência.

Além disso, os estudos de Braga; Dell' Aglio (2012) e Patias et al. (2016) evidenciam a importância de compreender que a exposição à violência, entre os jovens, geram impactos diferentes na vida destes, pois pode ser caracterizada por ocorrer no âmbito familiar, onde o (a) possível agressor (a) é alguém mais próximo, como a mãe, o pai, o irmão, entre outros. A violência extrafamiliar pode ser observada pelas ocorrências em bairros/comunidades, instituições, e, nesse sentido, assumem um caráter mais amplo e podem incluir diferentes formas de violência como o assalto (com ou sem presença de armas), roubo, uso de drogas, a agressão física.

Ressaltamos que Braga; Dell' Aglio (2012) buscaram demonstrar a exposição de violência em diferentes contextos de desenvolvimento (adolescentes que viviam com a família; adolescentes internados na Fundação de Atendimento Socioeducativo/FASE; e os que estavam sob proteção de Fundações e instituições governamentais e não governamentais, em que participaram da amostra 946 adolescentes, com idade entre 12 e 19 anos, sendo 53,4 % do sexo feminino e 46,6% do sexo masculino. Em relação ao instrumento de análise, foi aplicado o questionário da juventude brasileira, composto por 77 questões referente aos fatores de risco e proteção (presentes durante eventos de exposição à violência), entretanto, os autores também buscaram identificar as diferentes tipos de exposição à violência no ambiente familiar e extrafamiliar. Com isso, foi verificado que o grupo que mais tinha presenciado eventos de exposição à violência foram os adolescentes interligados às instituições de proteção, seguido do grupo da FASE e dos que viviam com a família.

Além disso, Braga; Dell' Aglio (2012) demonstraram a violência intrafamiliar por meio da correlação do grupo mais atingido e o sexo das vítimas, onde considerou-se cinco formas de violência (ameaça ou humilhação, soco ou surra, agressão com objetos, mexer no corpo contra a vontade e relação sexual forçada), e constataram que os mais expostos à formas de violência são as vítimas do sexo feminino. Os maiores índices observados foram a **ameaça e humilhação** (fi: 114), **mexer no corpo contra a vontade** (fi:35) e **relação sexual forçada** (fi: 15). Também foram vistos os índices de violência extrafamiliar, considerando o grupo mais atingido e o sexo das vítimas, e tendo como base as cinco formas de violência, pôde-se verificar que os mais expostas a estes tipos de violências são do sexo masculino, com maiores frequências nas seguintes variáveis: fi (ameaça ou humilhação): 202; fi (soco ou surra): 163; fi (agressão com objetos): 80. Desse modo, os autores observaram a intensa exposição à violência entre os adolescentes/jovens em variados contextos, o que pode representar potenciais fatores de risco ao desenvolvimento desses sujeitos (BRAGA; DELL' AGLIO, 2012; p. 417).

Os estudos de Braga; Dell' Aglio (2012); Patias et al. (2016); Sá et al. (2009); Moreira et al. (2013) consideram a exposição à violência como fator de risco para a saúde pública, pois possibilitam o aumento dos índices de problemas sociais. Também se verificou que Braga; Dell' Aglio, (2012); Sá et al. (2009) demonstram que as formas de exposição à violência são similares nos dados empíricos, pois incluem assassinato, agressão física, abuso

⁵ “Concebido como o conjunto das estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se a circunstâncias adversas” (ANTONIAZZI, 1988, p.278)

sexual, ameaças, amigo que possui arma de fogo; fatores que são de risco para o desenvolvimento humano.

Moreira (2013) analisou a exposição à violência com uma amostra de 458 adolescentes que responderam a questionários e entrevistas, com faixa etária entre 10 a 19 anos, pertencentes a famílias de baixa renda residentes no Nordeste do Brasil. Para verificar os índices de vulnerabilidade entre as variáveis, foi considerado o uso abusivo de álcool e/ou uso de drogas ilícitas, acesso a arma e, autoestima negativa, na qual incorreu-se que esses fatores são de risco, pois indicam a probabilidade destes sujeitos se exporem a alguma forma de violência. Com isso, registrou-se que, dos participantes da pesquisa, 13, 5% já fizeram uso abusivo de álcool e que 4,6% apontaram alto risco para o uso abusivo. Já em relação às drogas ilícitas, 23,8% já utilizaram, enquanto 26,9% já tiveram acesso a arma. E no que concerne à variável autoestima, teve-se alta indicação desta de modo positivo, e 70,7% dos adolescentes apresentaram boa autoestima.

A partir dos dados coletados foi constatado, por meio dos dados sociodemográficos, que os mais vulneráveis à violência foram os pertencentes ao sexo masculino, com 11,7% dos casos, e na faixa etária entre 10 a 14 anos, com 9,2 % dos eventos. Os resultados apresentaram, por meio da correlação de Pearson⁶, a associação direta nas relações familiares com a exposição à violência, com indicação de que os pais ou responsáveis elitistas tem maiores possibilidades na ocorrência desses eventos ($p < 0,001$), assim, tendo uma $p < 0,5$, logo, indicando probabilidade significativa. Com isso, o autor observou também que um dos fatores de risco entre os jovens é a configuração familiar, que pode influenciar nas relações sociais do jovem, tendo em vista que o contato com estes pode potencializar a transmissão de hábitos, costumes, que interferem no comportamento deste (MOREIRA, 2013, p. 1278).

Para Bourdieu (1930, p. 22) um dos mecanismos de controle é a televisão, sendo um suporte utilizado para exercer a violência simbólica, portanto, definida como “uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la”. Ou seja, os efeitos dessa forma de violência podem ser vistos pela apropriação cultural de saberes divulgados pela mídia.

O estudo de Njaine (2006, p. 385) objetivou investigar a relação das informações transmitidas pela televisão e a interação social destes, buscando enfatizar a interpretação

⁶ “No caso da correlação de Pearson (r) vale esse último parâmetro, ou seja, ele é uma medida da variância compartilhada entre duas variáveis. Por outro lado, o modelo linear supõe que o aumento ou decréscimo de uma unidade na variável X gera o mesmo impacto em Y” (FILHO, JÚNIOR; 2009, p.118).

dessas cenas violentas na construção da identidade destes sujeitos. Para a coleta destes dados, foram utilizadas como técnica de pesquisa 4 (quatro) grupos focais, com 33 (trinta e três) alunos de 2 (duas) escolas públicas e 2 (duas) escolas privadas, no Rio de Janeiro. Como resultado, foi verificado que os fatores de risco como: uso de drogas, álcool, desemprego, saúde, sentimentos de medo e insegurança ou de outros eventos de exposição à violência, foram considerados pelos jovens como algo comum, de responsabilidade individual.

Também foi constatado que as informações transmitidas pela televisão podem exercer vários efeitos sobre o indivíduo, em que estes podem ser alvos decorrentes da manipulação, pelas informações fornecidas em grande escala, alterando a percepção que estes sujeitos possuem da realidade (BOURDIEU, 1990; NJAINE, 2006)

A exposição à violência pode ocorrer de maneiras variadas, ou seja, a vítima designa papéis diferentes nos eventos ocorridos, e, estas são definidas como: **i) autoinfligida; ii) interpessoal; iii) coletiva.** A primeira é compreendida por meio do comportamento do sujeito, onde este utiliza-se de atos violentos cometidos contra si, sendo exercido por meio da auto-agressão, caracterizada pelo suicídio ou tentativa de suicídio. Já a interpessoal possui um caráter amplo, pois configura-se pela exposição de violência na família, na comunidade, nas instituições públicas ou privadas (escola, trabalho, entre outras), podendo ser exercida de várias formas. E a coletiva consiste na violação dos direitos humanos, seja de forma direta ou indireta, podendo ser os autores dos atos de violência o próprio Estado ou os pertencentes a um grupo específico. Nesse sentido, esta tipologia pode possibilitar a exclusão das vítimas, sendo associada à área política, econômica ou quaisquer áreas afins, ou seja, que englobe o âmbito social (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010).

Ressalta-se que o impacto causado pela exposição à violência entre os adolescentes depende de uma série de variáveis, como identificado abaixo:

/.../Nesse sentido, a idade, o grau de desenvolvimento psicológico, o tipo de violência, a frequência, a duração, a natureza, a gravidade da agressão, o vínculo afetivo entre o autor da violência e a vítima, a representação do ato violento pela criança ou pelo adolescente, ou ainda as medidas em curso para a prevenção de agressões futuras, determinam o impacto da violência à saúde para esse grupo etário (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010, p.35)

Portanto, percebemos que as ocorrências de exposição à violência podem ser descritas em diferentes circunstâncias, ou seja, podendo ser no ambiente familiar, escolar, ou até mesmo em instituições governamentais, que tem o papel de oferecer assistência aos adolescentes/ jovens. É visto também que a caracterização da exposição à violência torna-se fundamental no processo clínico de diagnóstico dos possíveis efeitos, pois levam em

consideração a frequência, a gravidade da agressão, o tipo de violência, a fim de verificar a influência no comportamento de adolescentes/jovens. Nesta perspectiva, este Trabalho de Conclusão de Curso buscou apontar os possíveis efeitos, buscando articular este impacto com a exposição de violência sofrida.

3.1 EFEITOS DA EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA

Muitos estudos apontam o surgimento de danos físicos ou psicossociais, entre os jovens, sendo caracterizado pela mudança de comportamento, pelo isolamento, baixa autoestima, maiores índices de insegurança, ou até mesmo o aumento na possibilidade de desenvolver distúrbios psicológicos, e assim, afetando de modo negativo as trajetórias de desenvolvimento desses sujeitos (BRAGA; DELL'AGLIO, 2012)

Um dos possíveis efeitos da exposição à violência, especificamente o abuso sexual, é caracterizado pela culpa persecutória, compreendida como uma “perseguição que não permite uma atitude verdadeiramente reparatória, mas ao contrário, faz com que a situação abusiva tenda a perdurar”, ou seja, sendo considerado um efeito grave, pois pode possuir um caráter permanente nas etapas de vida da vítima (PRADO, CARNEIRO; 2005, p.15).

Já em relação ao desamparo maternal, que pode ser compreendido sob o prisma da negligência é visto que:

O adolescente que entra em puberdade se vê outra vez defrontado com a ausência da mãe que, se ele não conseguiu interiorizar sua função, lhe fará então muita falta. Esse desamparo adolescente ressurgido da infância pode impeli-lo a comportamentos violentos para encontrar a reparação para aquilo que considera uma injustiça, talvez mesmo um preconceito que ele sofreria (MARTY, 2006, p.124)

Então, percebemos que tanto o desamparo, quanto o preconceito são destacados, como norteadores de possíveis problemas de comportamento, possibilitando que o jovem desenvolva atitudes agressivas, a fim de ‘reparar’ algo que sofreu no passado.

Tendo em vista, que as tipificações de violência estão associadas a alguns impactos no comportamento dos jovens, neste Trabalho de Conclusão de Curso, buscamos relacioná-las conforme indicado abaixo:

I) Impactos da Violência psicológica: angústia, ansiedade e os traumas

É compreendida como um processo gradativo, pois o adolescente exposto a esses eventos pode desencadear vários sintomas, como a angústia e a ansiedade, com diferentes graus de gravidade, dependendo do contexto social da vítima. Além disso, outro ponto é a

escala evolutiva da exposição da violência, ou seja, se o ato praticado contra o jovem foi de forma contínua ou com interrupções durante a faixa etária (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010, p. 38).

Além do mais, os estudos também demonstram que a existência da violência psicológica pode ocasionar traumas psicossociais, tendo em vista que os adolescentes, nessa etapa, necessitam de maiores cuidados e atenção relacionados à saúde, pois, por vezes, são mais vulneráveis, ou seja, têm maior possibilidade de presenciar situações de risco (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010; Q AVANCI et al., 2005, SANTANA; SANTANA, 2005).

Nessa medida, Avanci et al. (2005) apontam a relevância de alguns indicadores no desenvolvimento desses jovens, como: apoio afetivo, apoio emocional, apoio de informação, interação positiva, autoestima, violência severa pelo pai, violência severa pela mãe, sendo estes correlacionados a eventos de violência psicológica. Neste sentido, Avanci et al. (2005) investigar a importância destas variáveis, ou seja, o grau de significância na amostra de 266 (duzentos e sessenta e seis) participantes da pesquisa, para assim, inferir sobre a probabilidade destes eventos por meio da distribuição de Pearson. Os resultados demonstraram: (apoio afetivo: $p < 0,006$; apoio emocional: $p < 0,001$; apoio de informação: $p < 0,014$; interação positiva: $p < 0,003$, autoestima: $p < 0,001$; violência severa pelo pai: $p < 0,001$, violência severa pela mãe: $p < 0,001$), ou seja, $p < 0,5$. Então, os autores concluíram que a violência possui correlação significativa com estas variáveis, assim, sendo consideradas como fatores de risco e afetando o desenvolvimento dos sujeitos.

Os efeitos da violência podem estar associados aos fatores de exposição, como demonstrado abaixo:

Os efeitos da violência na saúde biopsicossocial da criança e do adolescente podem ser em curto e longo prazo. Entre aqueles que aparecem em curto prazo: atitudes de choque e incredulidade; sentimentos de vergonha, culpa, ansiedade, medo, raiva, isolamento, desamparo, comportamentos confusos e de extrema agitação, pesadelos, terror noturno e alterações do hábito alimentar. Os efeitos em médio e longo prazo podem ser observados nos comportamentos autodestrutivos, ansiedade, sentimentos de isolamento e estigmatização, baixa autoestima, dificuldade em acreditar em outras pessoas, tendência à futura revitimização, comportamento sexual desajustado e uso de álcool e outras drogas (SANTANA; SANTANA, 2005, p. 434).

Com isso, os estudos sugerem que a mudança de comportamentos/hábitos ocasionados pelo tempo de exposição à violência interfere de modo significativo nas relações afetivas que os jovens possuem, podendo aumentar os índices de risco na juventude. Por vezes, o autoconceito e autoconfiança também podem ser considerados de risco, na medida em que, estes assumem um caráter negativo, sendo prejudicial ao desenvolvimento dos jovens.

II) **Implicações da Violência física, sexual:** as lesões e danos emocionais

Para Santana (2005) a violência física é considerada a mais simples de identificação, pois pode ser notada, devido as lesões, hematomas, pelos profissionais da área da saúde ou qualquer pessoa. Entretanto, essas lesões necessitam serem analisadas com mais profundidade, para verificar se estas podem ter sido ocasionadas por acidente da criança com algum objeto ou por outra causa, e assim, verificar se realmente são casos de ocorrência da violência física no ambiente familiar.

Outro aspecto destacado é o *bullying*, considerado como uma subcategoria da violência física e psicológica, caracterizado pela ocorrência nas escolas e presença de comportamentos agressivos entre os alunos, incluindo a repetição; sendo notado sob o prisma da agressão física, a exemplo de ameaças/xingamentos, que causa constrangimento da vítima, a qual, por vezes, não sabe lidar com essas situações e se isola do convívio social (BANDEIRA; HUTZ, 2010; PIGOZI; MACHADO, 2014; MALTA et al., 2014).

Bandeira; Hutz (2010) destacam a importância do indicador baixa autoestima, pois este influencia no autoconceito do adolescente, mas, principalmente, tem efeito sobre o comportamento deste sujeito no meio social, sendo uma variável essencial na correlação da vulnerabilidade. Os autores perceberam que a baixa autoestima pode ser considerada um indicador que contribui para o aumento dos índices de *bullying*, na medida, em que a vítima não consegue reagir a essas situações, sendo assim, é visto que:

A exposição ao bullying pode acarretar problemas comportamentais e emocionais, destacando-se o stress, a diminuição ou perda da autoestima, a ansiedade, a depressão, o baixo rendimento escolar e até mesmo, em casos mais severos, o suicídio (MALTA, 2014, p. 94).

Esse tipo de violência possibilita um agravo nos problemas sociais, pois pode aumentar os índices de exposição a outras formas de violência como o suicídio, e pode acarretar no baixo desempenho escolar dos estudantes, sendo considerado um potencial indicador de risco na educação, entre outros.

Malta (2014) demonstra que a violência pode ser subdividida em três instâncias: escolar, intrafamiliar e comunitária. Esta possui, entretanto, como aspecto central a prática do *bullying* pelos jovens brasileiros, identificando que esta pode ser subdividida em três maneiras: **direta e física; direta e verbal e indireta**. A primeira é vista sob o prisma de ameaças e agressões físicas entre os sujeitos envolvidos, já a direta e verbal é identificada pela

existência de insultos e apelidos entre os estudantes, enquanto a indireta é caracterizada pela exclusão social do indivíduo.

Os efeitos da exposição ao *bullying* nas escolas são vários, como demonstrado a seguir:

Muitas são as dificuldades imediatas; outras, em médio e longo prazos. Além de poder comprometer o rendimento escolar, as vítimas tendem a se isolar, a apresentar baixa autoestima e a se recusar em ir à escola, alegando dores de cabeça, estômago ou abdominais. Em longo prazo, ressaltam-se dificuldades de relacionamento e sintomas de depressão que podem seguir a pessoa pela vida (RISTUM, 2010, p. 111).

Desse modo, é visto que a exposição a diversas formas de violência afeta também o desenvolvimento pessoal e educacional dos adolescentes, que ao presenciar ou ser acometido por esses eventos pode mudar seu comportamento, devido a tensão que essas situações exercem sobre estes sujeitos, possuindo uma maior possibilidade de causar danos à saúde mental desses adolescentes, portanto, estas situações exercem uma manipulação psíquica nas atitudes destes.

Outro aspecto notado é que a violência sexual, por vezes, está articulada com a agressão física e psicológica, pois dependendo do contexto, o agressor pode utilizar-se de ameaças e de força física sobre a vítima, interferindo na saúde física e mental dos envolvidos. Assim, as consequências psíquicas ao jovem exposto a esse tipo de violência são severas, pois, por vezes, a violência sexual é identificada como incesto, ou seja, onde a vítima e o agressor possuem alguma relação familiar, ou alguém com vínculo consanguíneo (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005).

Segundo estudos, o incesto é considerado como um problema social de saúde pública, pois afeta o adolescente gravemente, tendo em vista que nesses eventos de exposição à violência a possível vítima detém um conjunto de emoções que, muitas vezes, afetam as relações sociais desta. Nesses casos, há maior probabilidade do adolescente ou jovem alterar o comportamento, podendo tornar-se usuário de drogas ou se envolver em casos de criminalidade (NUNES, 2014; PFEIFFER; SALVAGNI, 2005).

Foi observado no estudo (NUNES, 2014) que a identificação e descrição das experiências da vítima, em que é visto a exposição a vários eventos de exposição à violência intrafamiliar, como: a **vulnerabilidade social da família biológica; exploração infantil pela família adotiva; vítima de incesto pelo irmão biológico** (faixa etária entre os 5 aos 17 anos), **negligência praticada pela genitora**. A autora notou que essas vivências da vítima

possibilitaram, na juventude, o desencadeamento de problemas na escola, como dificuldades escolares e indisciplina. Já sobre as mudanças de comportamento, foi constatado que durante os 17 anos há uma grande tendência ao uso de cigarro, e graus elevados de ansiedade, problema relacional com amigos (ciúmes), entre outros. Ademais, também foi visto que na fase adulta esses problemas persistiram, com características de perturbação de estresse pós-traumático e traços de personalidade estado-limite, caracterizado pela conduta agressiva e a impulsividade, devido a exposição ao ambiente traumático diante de certas situações (NUNES, 2014, p. 389, 391).

Arpini et al. (2012) buscaram compreender a dinâmica entre a exposição à violência sexual e os seus efeitos, e para isso realizaram uma investigação qualitativa, composta por uma amostra de 30 (trinta) adolescentes do sexo feminino com 6 (seis) grupos focais, com o objetivo de compreender os eventos ocorridos de abuso e tendo como base a percepção desses sujeitos. Cabe destacar que a amostra selecionada nesse estudo era formada por jovens em situação de vulnerabilidade social, pertencentes à periferia, sendo estudantes de escolas públicas e atendidos pela instituição não governamental da área. Nos resultados foi verificado a existência de variáveis unidimensionais: **a noção de trauma; os efeitos do trauma e sua difícil superação, a dificuldade de falar, e o desamparo.**

Com isso, observou-se que a exposição ao abuso sexual é considerado como um evento traumático, em que a noção de trauma transmite a inversão de valores e várias indagações das vítimas, pois há a compreensão de que o ambiente familiar proporcionaria ao adolescente um grau de segurança e proteção, mas ao contrário, a conduta dos autores envolvidos no ato de violência demonstra o risco presente nessa instância.

Em relação aos efeitos do trauma, que se refere aos sentimentos causados, como: a culpa; a vergonha; o medo; estes são considerados nocivos ao desenvolvimento afetivo e psíquico. Nos dados sobre a dificuldade de falar e o desamparo, foi demonstrado a complexidade da temática, tendo em vista que, por vezes, esses adolescentes não conseguem ter o apoio e confiança da família ou conhecidos para dialogar sobre o abuso sofrido (ARPINI, et al., 2012, p. 94-95).

III) Violência institucional: consequências e as múltiplas vertentes

Para Ruzany; Meirelles (2009) essa forma de violência é compreendida como uma violação dos direitos básicos do indivíduo, manifestada por órgãos públicos ou privados, podendo ocorrer uma repreensão de caráter ideológico, político, econômico, social. Assim, é

evidente que essas esferas necessitam de atenção na área dos serviços, para que consigam suprir as necessidades no âmbito da saúde e da educação.

Ladeia et al. (2016) afirmam que a violência institucional pode ser notada também por atos de discriminação ou preconceito, por exemplo, em relação a renda ou a faixa etária, não oferecendo o suporte necessário no atendimento igualitário aos sujeitos. Nesse sentido, percebe-se que esta pode ocorrer de diferentes formas, seja por meio da agressão verbal, física, ou em ambientes diferentes, como: hospitais, órgãos não governamentais, escolas, entre outros.

Os estudos Assis et al. (2010) e Ruotti (2010) apontam que essa forma de violência é caracterizada pela reprodução das estruturas sociais nos órgãos que oferecem atendimento à população. Estes podem violar os direitos humanos, de maneira que não oferecem serviço de qualidade ao público. Assim, isso também é observado no ambiente escolar, pois, muitas vezes, estes serviços públicos não conseguem suprir a demanda educacional dos estudantes, sendo mais evidente a precariedade na estrutura escolar, ausência de recursos, de material didático e o ensino não qualificado.

Nesta direção, Mejia (2013) expõe que

Essa violência institucional relaciona-se a um componente interno das escolas, específico de cada estabelecimento. No âmbito do qual, o conteúdo curricular e normativo é elaborado e posto em prática sem o reconhecimento das particularidades culturais de seus discípulos. Quer dizer, as regras da escola são arbitrárias, professores e demais autoridades na instituição as executam desconsiderando o ponto de vista dos alunos (p. 90).

Observa-se a amplitude das formas de violência nos órgãos, pois esta também é vista sob o aspecto educacional, que envolve a existência de regras, de componentes curriculares, de sujeitos opressores, tendo como atores dessas manifestações violentas alunos, professores, profissionais. Estes sujeitos, com o poder firmado, podem impor autoridade sobre os demais, na medida em que, desvalorizam outros conhecimentos existentes do ponto de vista social.

Para identificar as consequências no ambiente escolar Ruotti (2010) realizou uma investigação de abordagem qualitativa, com um estudo de caso, onde foi utilizado como técnica da pesquisa as entrevistas e observações em uma escola, tendo como análise a vulnerabilidade socioeconômica do bairro. Os resultados demonstram que a violência institucional escolar possibilita uma série de efeitos na área educacional, como a mudança na conduta dos alunos e a sensação de medo de possíveis conflitos entre estes, podendo ser entre os estudantes ou entre os profissionais da educação. Além disso, nesse processo educativo, a

escola tem a tendência, por vezes, em reproduzir os atos da instância social, que pode ser indicado pela existência de tráfico de drogas e dos índices de criminalidade nas escolas.

Além disso, fica evidente a violência institucional presente na postura da diretora, onde esta impõe regras a serem seguidas pelos adolescentes, baseadas no medo e ameaça, atitude considerada como uma forma de disciplinamento, demonstrando que a desobediência destes resultara em punições severas (RUOTTI, 2010).

Fica evidente o caráter amplo da violência em instituições, que afeta/viola os direitos básicos dos cidadãos. Dessa maneira, essa violação pode ser compreendida como uma forma de negligência realizada pelas instâncias sociais e que podem ser exercidas por diversos atores em situações diferentes, que, geralmente, afeta a integridade física, psicológica dos sujeitos, ou que omite informações sobre serviços públicos ou privados (RUOTTI, 2010, MEIJA, 2013; ASSIS et al., 2010; RUZANY, MEIRELLES, 2009; LADEIA et al., 2016; EYNG, 2016).

Charlot (2002) aponta três modos de violência relacionadas com a escola, são elas: **i)** violência na escola; **ii)** violência à escola; **iii)** violência da escola. Cabe destacar, que ambas são presenciadas nas escolas, entretanto, estas possuem significativas diferenças. A primeira é caracterizada pelos conflitos de ordem comunitária, onde os possíveis envolvidos adentram no espaço e exercem alguma prática violenta, como: assaltos, agressão, entre outros. Já a violência à escola e da escola possuem um caráter institucional, ou seja, onde os atos são caracterizados pelos prejuízos ao patrimônio ou pela transgressão dos direitos dos indivíduos, respectivamente (p. 434 e p. 435).

Essas questões reafirmam que a violência institucional é vista em várias esferas sociais, como no espaço escolar, em hospitais, entre outros locais. Entretanto, a forma como essas manifestações violentas atingem os sujeitos ganha destaque, pois através desse contexto se revela a natureza da violência e os seus possíveis efeitos. Nesse sentido, Azevedo et al. (2017) apontam essa articulação entre o caráter educativo e os impactos gerados em adolescentes, nesse cenário organizacional.

Para investigar as implicações na subjetividade desses jovens, foi utilizado como instrumental a aplicação do questionário biossociodemográfico⁷ e discussão sobre a garantia de direitos e seus aspectos centrais, com quatro jovens que cumpriam medidas socioeducativas, sendo estes participantes de projetos ou oficinas em dois órgãos: o Centro de

⁷ “Técnica utilizada no intuito de elaborar o perfil dos participantes (idade, sexo, etnia) e observar a sua inserção ou não em programas ou políticas públicas (escola, programas de formação profissional) durante o cumprimento da medida, a fim de verificar a garantia ou violação de direitos” (AZEVEDO et al., 2017, p.584)

Referência Especializado de Assistência social – CREAS⁸ e o programa de aprendizagem profissional jovem aprendiz⁹. Os resultados demonstraram a percepção dos participantes da pesquisa através das categorias: **i)** direitos; **ii)** acesso aos serviços públicos; **iii)** violência institucional; **iv)** assujeitamentos e **v)** resistências (AZEVEDO et al., 2017, p. 585).

Em relação aos **direitos**, ficou demonstrado que os adolescentes da pesquisa consideram estes “controversos”, pois expõem uma série de legislações ou normas, que não asseguram aos sujeitos as oportunidades de modo igualitário. Em relação aos **serviços** executados pelas instituições, foi identificado o subitem ‘lazer’, oferecido pelo CREAS, como uma forma de estimular a autoconfiança destes sujeitos por meio do diálogo. Sobre o **acesso aos serviços públicos** do programa jovem aprendiz, observou-se, tendo como base a percepção dos adolescentes, como uma possibilidade da inserção no mercado de trabalho.

Entretanto, na categoria **violência institucional** foram identificados eventos de exposição à violência física e verbal nesses órgãos, sendo relatados sentimentos de raiva, tristeza. Ainda, na questão da violência institucional, foi observado a subcategoria “preconceito e estigmatização” que revela a percepção dos adolescentes sobre a intensa abordagem policial em órgãos, que são ocorrências, por vezes, realizadas pelo perfil destes como: por ser negro, de periferia. Portanto, foi notado nesses eventos a exposição tanto a violência física e psicológica, pelas agressões presenciadas, mas também pelas ameaças direcionadas a esses jovens (AZEVEDO, 2017, p. 586)

Já em relação a categoria **assujeitamentos**, esta foi considerada como sendo a submissão desses sujeitos a essas situações violentas, pois há a necessidade de mudança de comportamento, tendo em vista que o medo de futuras represálias é maior, sendo estas associada aos sentimentos de desvalorização e insignificância por serem jovens infratores. A **resistência** é caracterizada pelas motivações relatadas pela juventude, que apesar das dificuldades, dos fatores de risco anseiam em alcançar as suas metas (AZEVEDO, 2017, p. 588)

Com isso, percebe-se que a violência em órgãos ocorre de variadas maneiras, como: pela imposição de regras, consideradas arbitrárias ou pelo uso da coerção realizada pelo Estado, onde estes impactos afetam de modo negativo o desenvolvimento dos sujeitos, assim,

⁸ “Os CREAS, por meio dos serviços que desenvolvem, promovem ou articulam, exercem importante papel de inclusão e proteção social a indivíduos e/ou famílias que se encontram em situações de violação de direitos” (REVISTA CREAS, 2008, p.11)

⁹ É o programa técnico-profissional que prevê a execução de atividades teóricas e práticas, sob a orientação de entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica, com especificação do público-alvo, dos conteúdos programáticos a serem ministrados, período de duração, carga horária teórica e prática, mecanismos de acompanhamento, avaliação e certificação do aprendiz (MANUAL DA APRENDIZAGEM, 2009, p.13)

possibilitando uma mudança de concepção acerca da realidade, e até mesmo sobre o autoconceito que possuem.

Com a discussão sobre os efeitos da exposição à violência verificamos que as implicações no desenvolvimento dos jovens são multivariadas, pois atinge o comportamento social destes, influenciando no desempenho escolar, na concepção que este possui acerca de si e das relações vivenciadas em sociedade. Também observou-se que essa concepção que o jovem tem sobre si (a baixa autoestima) pode ser considerada como fator de risco ao desenvolvimento dos jovens, na medida em que, está associada a exposição de alguma forma de violência, assim, agravando os sintomas e resultando na ausência de confiança na família ou amigos ou em possíveis traumas, que dificultam a vítima em expressar os seus sentimentos.

Também notamos que os sentimentos de medo e inferioridade, causados pela exposição à violência, são constantes no desenvolvimento dos jovens tanto nas escolas, quanto nas comunidades sendo que em ambos os espaços esse medo é resultante da estigmatização vivenciada por esses sujeitos. A estigmatização nas escolas e comunidades é vista sob o prisma do preconceito com a aparência física (cabelo, por estar acima do peso, por ser negro), por residir em área periférica, pela baixa renda.

Assim, os estudos demonstram que o preconceito pode repercutir em alguns sentimentos entre os jovens, como: isolamento, fracasso, assim, maior vulnerabilidade social. Diante disso é visto que, por vezes, o Estado reforça esses impactos negativos, pois não oferece os subsídios necessários, por meio da implementação de políticas públicas, para diminuir os parâmetros de pobreza e desigualdade social

4 EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE BELÉM: os diferentes contextos e efeitos em suas trajetórias de desenvolvimento

Bruna Thaiza Silva Nascimento¹⁰

Lúcia Isabel da Conceição Silva¹¹

RESUMO

Este estudo teve por objetivo investigar a exposição à violência entre jovens estudantes do Município de Belém, bem como suas percepções a respeito desta exposição a violência em diferentes contextos. Pretende-se também identificar possíveis efeitos desta em suas trajetórias e contexto de desenvolvimento. Trata-se de uma pesquisa de abordagem quantitativa, a qual teve como amostra ($\Omega = 643$) participantes, sendo adolescentes/jovens estudantes de 10 escolas públicas de Belém, os quais responderam ao “Inventário Sociodemográfico de identificação de eventos, exposição e percepções sobre a violência”¹². As informações foram tabuladas no *software Excel*, sendo analisadas por meio de estatística descritiva. Os resultados demonstraram a vulnerabilidade presente entre os participantes da pesquisa, uma vez que 35% dos adolescentes já sofreram alguma forma de violência entre a faixa etária de 5 à 10 anos, e 34% entre 10 à 15 anos. No que diz respeito, especificamente, aos tipos de violência, observa-se que a violência física sobressai nos diferentes contextos, a saber: escola, com 45,91%; comunidade, 30%. Em relação aos efeitos da violência ocorrida nos bairros, percebe-se que 42% dos jovens sentem-se inseguro, e 34% mais ou menos seguros. Também foi evidenciado que, em 34% dos casos analisados, têm-se a genitora como principal agressora. Desse modo, concluiu-se que os adolescentes e jovens sofrem demasiada exposição à violência, o que se caracteriza como um fator de risco nessas etapas de vida, resultando em mudanças comportamentais e percepções/sensações negativas acerca da relações sociais estabelecidas

Palavras-chave: Violência. Fator de risco. Adolescência/Juventude.

¹⁰ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Instituto de Ciências da Educação (ICED), da Universidade Federal do Pará (UFPA).

¹¹ Professora do Instituto de Ciência da Educação – UFPA. Orientadora.

¹² Este instrumento é composto por 82 questões, algumas de múltipla escolha e outras com a estrutura de escala *Likert*, para verificar o nível de concordância dos jovens com a afirmação.

ABSTRACT

His study aimed to investigate exposure to violence among young students of the Municipality of Belém, as well as their perceptions regarding this exposure to violence in different contexts. It is also intended to identify possible effects of this in its trajectories and development context. This was a quantitative approach, which had a sample ($\Omega = 643$) participants, being adolescents / students from 10 public schools in Belém, which answered the "Sociodemographic Inventory of events identification, exposition and perceptions about the violence" . The information was tabulated in the Excel software, being analyzed by means of descriptive statistics. The results demonstrated the vulnerability present among the participants of the research, since 35% of the adolescents already suffered some form of violence between the age group of 5 to 10 years, and 34% between 10 to 15 years. With regard specifically to the types of violence, it is observed that physical violence stands out in the different contexts, namely: school, with 45.91%; community, 30%, and; family, 19%. Regarding the effects of violence in the neighborhoods, 42% of young people feel insecure, and 34% are more or less safe. It was also evidenced that, in 34% of the analyzed cases, the mother is the main aggressor. Thus, it was concluded that adolescents and young people suffer too much exposure to violence, which is characterized as a risk factor in these stages of life, resulting in behavioral changes and negative perceptions / sensations about established social relations

Keywords: Violence. Risk factor. Adolescence / Youth.

4.1 INTRODUÇÃO

Diversos são os estudos que buscam compreender a exposição de jovens à violência familiar e comunitária. Diversos estudos também destacam os fatores de risco presentes no desenvolvimento dos adolescentes e jovens, por meio da análise das variáveis sociodemográficas dos adolescentes, como: a naturalidade, territorialidade, faixa etária, sexo/gênero, escolaridade, entre outros. Além disso, por meio das amostras coletadas, também buscam identificar a frequência e/ou correlacionar esses indicadores com a probabilidade da ocorrência desses eventos no contexto social (SILVA, 2012; SILVA, 2014; SILVA, 2017; BRAGA; DELL' AGLIO, 2012; MOREIRA et al., 2013; MALTA et al., 2014; SÁ et al., 2009;).

Com isso, percebe-se que os impactos causados nas etapas de desenvolvimento tornam-se significantes, na medida em que possuem associação direta com os fatores sociais e pessoais vivenciados por esses adolescentes. Nesta perspectiva, Amparo et al. (2008) destacam a sua relevância diante de situações de risco psicossocial¹³, a fim de que haja diminuição dos indicadores de risco entre os adolescentes e jovens, por meio da atuação da rede de apoio social¹⁴.

Botelho et al. (2013) destacam a presença do risco psicossocial entre os sujeitos, principalmente na juventude, em diferentes contextos: a) família; b) rua e; c) unidades de acolhimento; sendo representada de modos diferentes. Tais autores buscaram verificar a percepção dos adolescentes sobre esses eventos, logo, as implicações dessas vivências na saúde destes. Para isso, utilizaram como técnica de pesquisa a entrevista, sendo aplicada com uma amostra de 30 participantes na faixa etária entre 13 e 17 anos, sendo que estes eram vinculados a vários órgãos, sendo quatro instituições do sistema de abrigamento da Secretaria Municipal de Assistência Social do Rio de Janeiro (SMAS) e uma Organização não governamental.

Segundo Botelho et al. (2013), o banco de dados revelou uma rotatividade entre os dois cenários, **rua e unidades de acolhimento**, sendo que 20 dos participantes já viveram na rua. E que é notável, por meio dos relatos dos abrigados, que as fugas dessas instituições ocorriam por vários motivos, entre as quais estão: regras impostas, ociosidade dos

¹³ Situação de risco pessoal e social (AMPARO et al., 2008, p.165)

¹⁴ O apoio social se refere ao suporte que favorece o desenvolvimento e consolidação da rede através das relações formais e informais, já a integração social e a experiência social reabilitante atuam na redução e prevenção de situações de risco respectivamente (EVANGELISTA, CONSTANTINO, 2013, p.219)

adolescentes e, também, pela idade limite de permanência. Em relação à ociosidade, os autores perceberam que essas instituições possuem um caráter ambíguo, tendo em vista que estas são consideradas como “dispositivo de proteção”, no entanto, por vezes, elas não possibilitam os serviços necessários para que haja uma reabilitação social desses jovens, propondo atividades que viabilizem crescimento pessoal ou profissional destes. No que tange às regras e limites de idade, os autores observaram que muitas vezes não há o diálogo entre os profissionais e adolescentes/jovens sobre as normas vigentes na instituição, existindo assim um caráter disciplinar hierárquico e tendo como medida educativa a punição dos jovens (BOTELHO et al., 2013, p.14).

Em interface a isso, também foi demonstrado que os adolescentes abrigados nas unidades de acolhimento estavam diante de situações de exposição a indicadores de risco no ambiente familiar: atritos/conflitos, evasão do abrigo após ter sido abrigado pela família/responsável, envolvimento com o tráfico, violência física ou sexual em casa, e uso de drogas. Os autores constataram que 30% dos jovens já vivenciaram atritos com a família e evasão do abrigo, o que influenciou diretamente no comportamento desses sujeitos, gerando à fuga do ambiente familiar (BOTELHO et al., 2013, p.11).

Os estudos de Botelho et al. (2013) e Lemos (2010) destacam a influência dos riscos psicossociais entre os adolescentes e jovens, demonstrando a extensão destes no ambiente familiar e comunitário. Consideram que as relações sociais interferem, de modo, significativo na conduta desses sujeitos. Lemos (2010) também frisa a relação do comportamento anti-social entre os jovens, com o desenvolvimento de atitudes delinquentes, sendo visto como uma forma de transgressão com as leis ou normas judiciárias.

Com isso, nota-se a delinquência, muitas vezes, considerada como um efeito causado pela exposição a esses riscos. Nessa medida, Lemos (2010, p. 123) busca caracterizar a tipologia do comportamento dos jovens delinquentes sob o prisma dos eventos psicossociais ocorridos em suas trajetórias. Para isso, utilizou como instrumental metodológico o questionário de caracterização da amostra (composto pelas variáveis do contexto familiar, escolar, problemas de conduta e comportamento delinquente) e o inventário de sintomas psicopatológicos, sendo aplicado com 42 adolescentes que cumpriam medidas socioeducativas de internação. No que se refere aos indicadores de risco psicossocial, os resultados demonstraram a existência de conflitos conjugais, ou seja, com ambos os pais (22,2%); apenas com a genitora (14,3%); somente com o genitor (25,4%) dos casos.

Além disso, os fatores acadêmicos também foram analisados e considerados como eventuais fatores de risco para o comportamento delinquente. Neste caso, o autor constatou elevado índice de reprovações entre os adolescentes, sendo que 55,9% destes já foram reprovados entre três e seis vezes. Ademais, foi verificado a desmotivação escolar, com 54,0% dos casos entre os alunos, sendo considerado como um dos problemas recorrentes. Os resultados indicaram o elevado percentual de abstenção escolar, com 63,7% das situações. Destes, foi verificado que 52,9% eram referentes ao abandono escolar (LEMOS, 2010, p.124)

Notou-se, sob o prisma da revisão da literatura, a abrangência dos eventos configurados como de risco psicossocial entre os adolescentes e jovens, tendo em vista que a adolescência e a juventude caracterizam-se pela existência de múltiplas vertentes sociais, demonstrada pelos riscos: índice de vulnerabilidade, exposição à várias formas de violência, gravidez precoce e uso abusivo de álcool e drogas. Esses indicadores podem ser correlacionados com outras variáveis, como pela violação dos direitos fundamentais, assim, possibilitando impactos, de modo negativo no desenvolvimento físico ou psicológico do jovem (PAULA et al., 2016).

Os estudos demonstraram que as implicações, da exposição à violência, no desenvolvimento dos jovens muitas vezes são associadas ao surgimento de comportamentos em diferentes espaços, como: na escola, em unidades de acolhimento, na família, em quais estes desenvolvem algumas atitudes como: comportamento agressivo, fuga do lar, a fim de encontrar um modo de ‘escapar’ dessas situações de risco. Nesse sentido, percebe-se a importância de compreender essa inter-relação da exposição à violência com os seus impactos e verificar as demais implicações para a juventude. Dessa maneira, este estudo teve por objetivo identificar os efeitos da exposição à violência entre os jovens em diferentes contextos, e assim, analisar esses impactos.

4.2 METODOLOGIA DA PESQUISA

O estudo desenvolveu-se como parte integrante de uma pesquisa maior, intitulada

“Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade)” (SILVA, 2017), coordenada pela Prof.^a Dr.^a Lúcia Isabel da Conceição Silva. Este projeto maior presume compreender a violência contra crianças adolescentes e jovens, assim como, os fatores de atuação nos eventos de exposição à violência. Neste estudo, realizou-se um recorte a fim de compreender as implicações da violência na adolescência e juventude em contextos específicos (escola, família e comunidade)

Realizamos uma pesquisa de abordagem quantitativa com uma amostra independente, no intuito de identificar e caracterizar a exposição à violência entre os adolescentes e jovens (tipo de participação, eventos, sujeitos envolvidos, ocorrência na família, na comunidade em geral), para compreender as relações entre os adolescentes e jovens com a violência, descrevendo como estes são expostos à violência nos diferentes contextos e, analisar possíveis efeitos desta em suas trajetórias e contextos de desenvolvimento.

No que diz respeito aos aspectos teóricos, discutimos a conceituação de juventude e os fatores de risco presentes nesta etapa, tendo como foco as formas de violência presentes na vivência dos adolescentes e jovens.

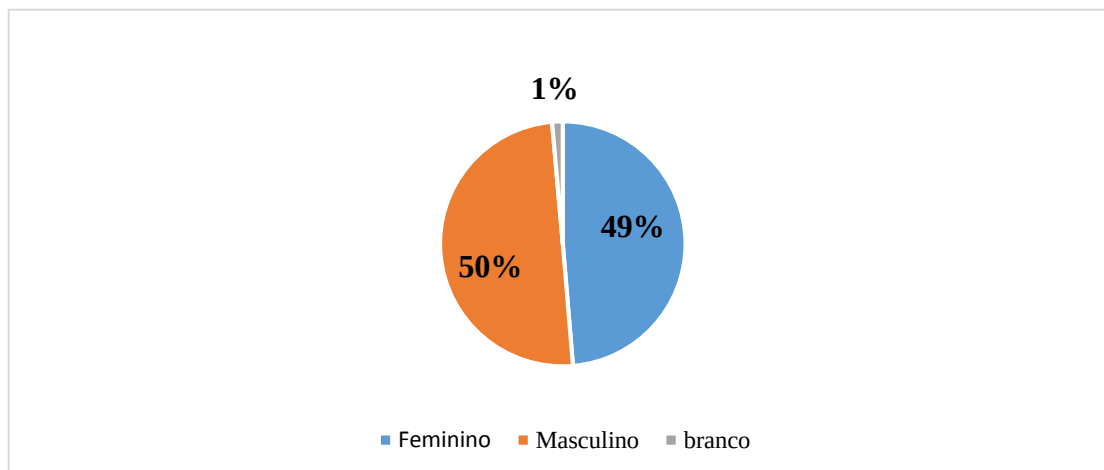
Para a análise dos dados utilizamos cálculos estatísticos na amostra, para verificar a frequência relativa e absoluta e o percentual destas, e assim, obter os índices das variáveis. Também realizamos o Teste Qui-quadrado de Pearson, com o intuito de inferir a correlação bidimensional, ou seja, o nível de significância desta no que diz respeito à população.

4.3 Caracterização da amostra

A) Participantes

A amostra foi composta por 643 adolescentes e jovens com faixa etária entre 14 e 24 anos, de ambos os sexos, residentes na cidade de Belém, Pará. O gráfico 1 (a seguir) apresenta o número de jovens pesquisados por sexo.

Figura 1 – Número de jovens pesquisados por sexo



Fonte: Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (SILVA, 2017).

O gráfico 1 demonstra que a frequência do sexo masculino é de (fi: 321; 50%) e do sexo feminino (fi: 313; 49%) do banco de dados analisado

A seguir, iremos apresentar alguns dados no que se refere à idade dos participantes deste estudo.

Tabela 1 - Faixa etária dos estudantes das escolas - 2017

Idade	Frequência	Percentual	% acumulado
13	9	1%	1,40
14-17	501	78%	79,32
18-21	97	15%	94,40
22-26	22	3%	97,82
branco*	14	2%	100,00

Fonte: Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (SILVA, 2017).

A partir da tabela 1, pode-se notar que os sujeitos que participaram da pesquisa possuem faixa etária de 13 a 26 anos; entretanto, nota-se também que o intervalo dos 14 a 17 anos são os que possuem os maiores quantitativos, com (fi: 77; 144; 161; 119) respectivamente. Logo, procurou-se agrupá-los em intervalos, sendo que a somatória destes corresponde à frequência (fi: 501; 78%). Já a tabela 2 corresponde aos dados referentes à cor dos jovens.

Tabela 2 - Distribuição da amostra quanto à cor da pele dos jovens- 2017

Cor	Frequência	Percentual	% acumulado
Amarela	24	4%	3,73
Branca	108	17%	20,53
Indígena	29	5%	25,04
Japonês	1	0%	25,19
Negra	104	16%	41,37
Parda	357	56%	96,89
branco*	20	3%	100,00

Fonte: Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (SILVA, 2017).

A tabela 2 apresenta informações referente à cor da pele dos estudantes das escolas públicas de Belém do Pará, sendo que da amostra de 643 adolescentes/jovens, a maioria destes (fi: 357; 56%) declaram-se pardos, seguidos dos brancos (fi:108, 17%). Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD 2015, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, reafirma que mais pessoas declaram-se pardas do que brancas na Região Norte, sendo que foi constatado que 70,2% das pessoas consideram-se parda, 7,0% preta e 21,2% branca.

B) Instrumento

Utilizamos o Inventário Sociodemográfico de identificação de eventos, exposição e percepções sobre a violência (Anexo 1; SILVA, 2017) que é constituído de 82 questões, sendo que algumas de múltipla escolha e outras com a estrutura de Escala Likert¹⁵, cuja finalidade foi verificar o nível de concordância dos jovens com a afirmação. Esse instrumento possibilitou identificar e coletar dados em várias variáveis como: educação, família, cultura, lazer, participação e violência em diferentes contextos (comunidade e família).

Para este estudo foram utilizadas as questões de número 44, 46, 50, 51, 71 que são referentes ao tipo de violência, caracterização destas e faixa etária dos adolescentes. Além disso, também foram analisados os dados das questões 69 e 70 (subitens), que identificam alguns possíveis efeitos/impactos dessa exposição, demonstrando, assim, o nível de segurança e a possível mudança de comportamento dos adolescentes e jovens, decorrentes desses atos violentos.

¹⁵ “Escala de Likert, os respondentes precisavam marcar somente os pontos fixos estipulados na linha, em um sistema de cinco categorias de resposta (pontos) que vão de ‘aprovo totalmente’ a ‘desaprovo totalmente’ /.../” (DALMORO, VIEIRA; 2014, p.163)

C) Procedimentos e considerações éticas

O projeto de pesquisa, dos quais foram extraídas as informações deste Trabalho de Conclusão de Curso, foi submetido à avaliação do Comitê Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) do Hospital Universitário João de Barros Barreto da UFPA (HJBB-UFPA), sob parecer n.º 2.082.557 (anexo 02). A seleção das escolas ocorreu por meio de sorteio, sendo selecionadas 10 escolas públicas de Belém/PA que compuseram o conjunto de dados empíricos.

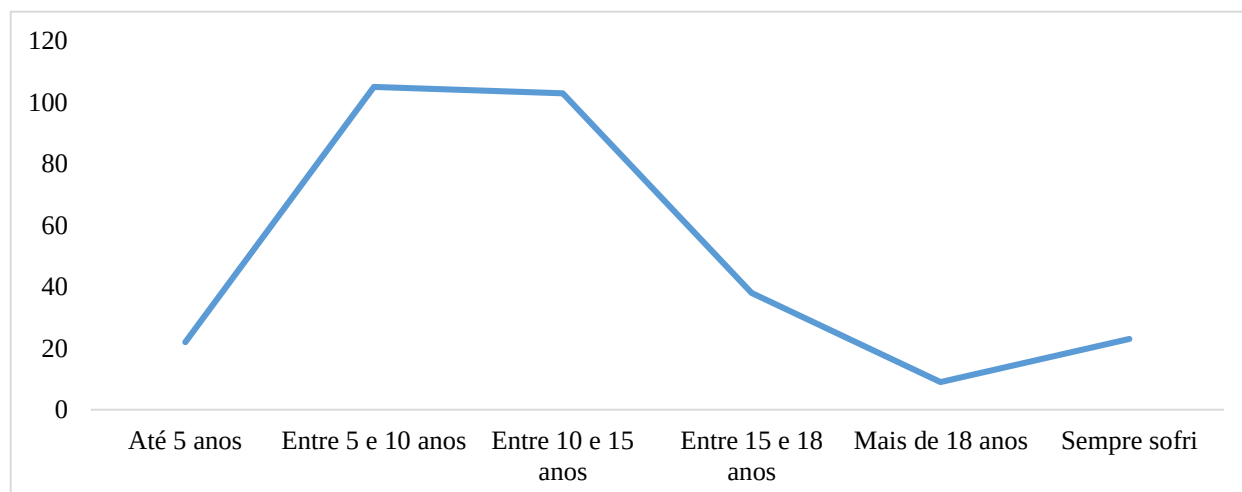
Vale destacar que para a aplicação do Inventário, com antecedência, foram contatadas escolas da periferia de Belém/PA, mediante a entrega do Termo de Concordância para a Instituição (apêndice 1) para obter-se a autorização para a realização de tais procedimentos. Além do mais, os adolescentes e/ou jovens foram informados sobre os procedimentos adotados na pesquisa, assegurando o sigilo dos dados pessoais e a chance de desistência destes em qualquer momento da aplicação do instrumental.

Após a concordância em participar do estudo, foi solicitado aos maiores de 18 anos a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (apêndice 02). Já no caso dos menores de 18 anos foi entregue o documento, entretanto, solicitou-se a assinatura dos pais/responsáveis.

4.4 Resultados e discussão

O gráfico 2 apresenta dados referente a faixa etária dos jovens que mais sofreram violência;

Figura 2 – Número de jovens pesquisados por faixa etária



Fonte: Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (SILVA, 2017).

Pode-se observar que no gráfico 2 a curva torna-se crescente, gradativamente, a partir da faixa etária de 5 anos, possuindo maiores índices nos intervalos (entre 5 e 10 anos, e entre 10 e 15 anos), com frequência (fi: 105; 35%) e (fi:103; 34%), respectivamente. Com isso, percebemos que há uma maior exposição às formas de violência na faixa etária mais próxima da fase da adolescência.

O Atlas da Violência (2018) confirma isso, pois indica os altos índices de violência na infância e no início da adolescência, na qual foi constatado que em 2016 as que mais sofreram violência foram as que possuíam faixa etária de 0 à 13 anos, com percentual de 50,9%, ou seja, demonstrando que esses sujeitos podem estar mais propensos a sofrer alguma forma de violência.

Também procurou-se correlacionar as variáveis da exposição à violência na escola com o sexo dos participantes da pesquisa, e assim, notar o grau de associação das variáveis (teste qui-quadrado):

Tabela 3 - Exposição a eventos de violência nas escolas – 2017

Eventos violência na escola/sexo	Feminino	Masculino	P-valor	Total Geral
Não	68	73	0,621	141
Sim	234	230		464

Fonte: Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (SILVA, 2017).

As duas variáveis foram analisadas no Excel ‘eventos de violência na escola’ e ‘sexo’, a fim de verificar se havia associação entre elas. No primeiro momento foi organizado esses

dados na tabela dinâmica, que possibilitou notarmos o quantitativo e percentual de meninas e meninos que presenciaram violência na escola.

Considerando que o total geral (Σ : 643), destes 38 participantes da pesquisa não responderam a questão. Então analisando a tabela 3 percebemos que (fi:234; 38,68%) das meninas já presenciaram eventos de violência na escola, enquanto que (fi:230; 38,02%) dos meninos disseram que não. Com isso, notamos que há pouca diferença nas proporções.

Para verificar se essa diferença da amostra pode ser considerada também na população, utilizou-se o teste qui-quadrado, ou seja, para notar se a diferença na amostra é estatisticamente significativa. Para aplicar o teste foi necessário calcular o percentual em relação ao total geral da coluna de cada variável, para posteriormente, construir a ‘tabela esperada’ no Excel, e por fim utilizar a fórmula do qui-quadrado, onde contém o intervalo real mais o intervalo esperado.

Cabe destacar que para o cálculo da ‘tabela esperada’ é utilizado o percentual do total geral das colunas sendo multiplicado com o quantitativo do total geral da linha, para assim, encontrar os valores de cada variável. Após esses procedimentos, verificamos o p-valor da amostra foi 0,6, sendo $p > 0,05$ infere-se que não há evidências de associação.

Os altos índices de violência na escola são reafirmados pela pesquisa realizada pelo Unicef (2015), na qual foi constatado que, em todo o mundo, aproximadamente 130 milhões (um pouco mais de um em cada três) estudantes da faixa etária entre 13 e 15 anos sofrem uma das violências na escola, neste caso destacou-se o *bullying* como uma das formas de violência mais presenciadas.

A violência na escola pode estar relacionada a algumas variáveis dentre as quais enfatizam-se certos valores normativos relacionados a gênero, estereótipos, etnias, assim, contribuindo para o preconceito. Nesse sentido, a pesquisa realizada com 100 mil jovens de 18 países indica isso, pois 25% relataram que sofreram bullying por causa de sua aparência física, 25% em decorrência do seu gênero ou orientação sexual e 25% devido a sua etnia (UNESCO, 2019)

Nosso estudo buscou ainda identificar as formas de violência mais presentes na escola, conforme a tabela abaixo:

Tabela 4 - Exposição à violência nas escolas

Formas violência na escola	Frequência	Percentual	Frequência acumulada %
Ameaças	154	16%	15,78
Brigas	370	38%	53,69
Discussões	255	26%	79,82
Morte	27	3%	82,58
branco*	170	17%	100,00

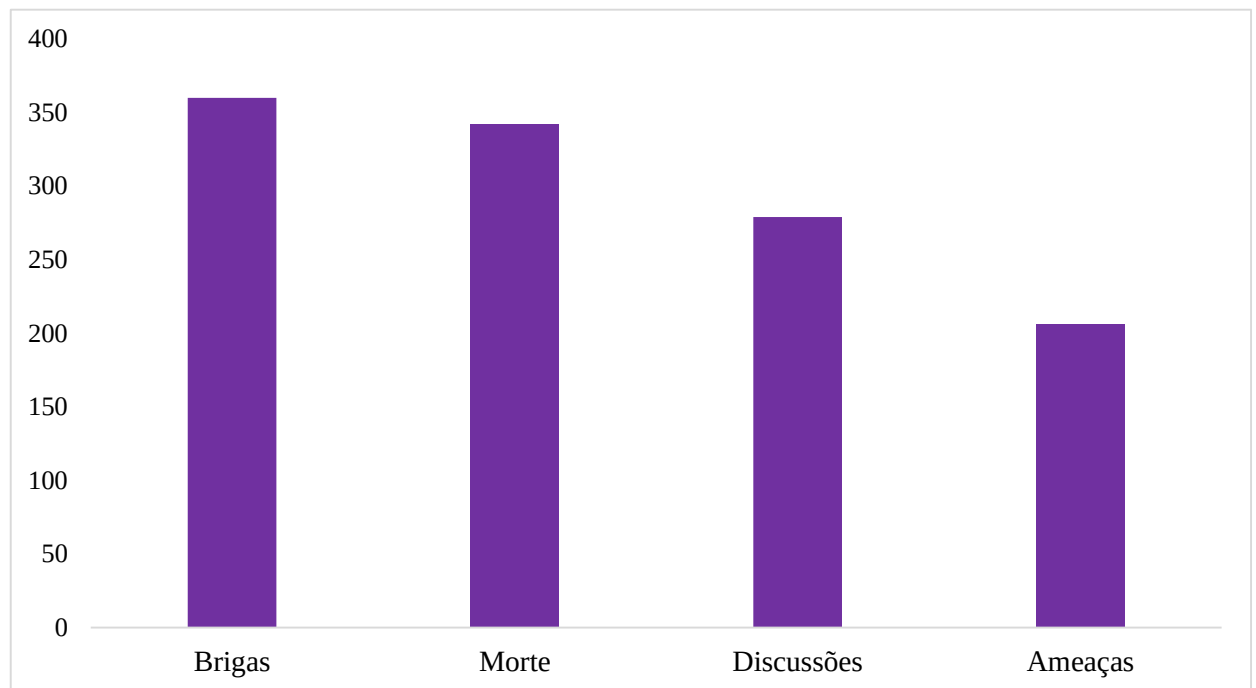
Fonte: Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (SILVA, 2017).

Observou-se que os tipos de violência mais presentes entre os adolescentes e/ou jovens são as brigas, seguidas de discussões, que por meio da união desses dados, representam mais de 50% das formas de violência na escola. Com isso, percebemos que os jovens estão cada vez mais expostos a várias formas de violência, até mesmo a morte, sendo que as instituições escolares deveriam assumir um papel educativo, que assegurassem os direitos dos jovens, entretanto, muitas escolas vivenciam essa realidade, resultando na disseminação dessas práticas violentas

Os dados do questionário aplicado em 71.514 escolas pertencentes à Rede Municipal, Estadual e Federal, com os diretores das escolas participantes da Prova Brasil (2017), reafirmam isso, pois no questionário continha perguntas sobre o perfil, as condições e anormalidades da escola, ou seja, problemas e violência nas instituições escolares. Com isso, foi constatado a ocorrência da agressão física ou verbal de alunos a professores ou funcionários da escola. No que se refere a agressão verbal ou física entre alunos foi registrado o percentual de 72%, e por fim, em relação se o diretor da escola já foi ameaçado por algum aluno, foi registrado 90% das situações nas escolas (FUNDAÇÃO LEMANN E MERITT, 2012).

Outro aspecto analisado no nosso banco de dados se refere as tipificações de violência nos bairros, como demonstrado abaixo:

Figura 3 – Índice de Violência nos bairros



Fonte: Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (SILVA, 2017).

A partir da análise do gráfico 3, nota-se que 4 (quatro) principais formas de violência: brigas, morte, discussões e ameaças, a que estão expostos os jovens pesquisados, sendo que a morte e as brigas podem ser caracterizadas como agressões físicas; já as ameaças e discussões, como agressões verbais. Também observa-se que o maior índice é referente às brigas (com frequência aproximada dos casos de morte), Nossos dados estão em consonância com o banco de dados do 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2017), no qual são evidenciados elevados índices de mortes violentas nas comunidades (bairros), pois segundo o anuário, em 2016, no Estado do Pará, foram registradas 4.209 mortes já em 2015 foram 3.772 situações registradas. Pode-se notar, tendo como base esses parâmetros, que houve mais de 11 assassinatos por dia, pois, consta nos dados uma variação de 10,3% sobre o valor da população do período anterior. Tendo isso em vista, observamos que ambos os estudos se complementam, pois tem-se na variável “morte” a representatividade com um dos maiores índices, no que se refere às formas de violência.

Também buscou-se analisar a correlação bidimensional entre a exposição à violência no bairro em relação a cor dos adolescentes/jovens como visto abaixo:

Tabela 5 - Relação violência no bairro/ cor dos participantes da amostra

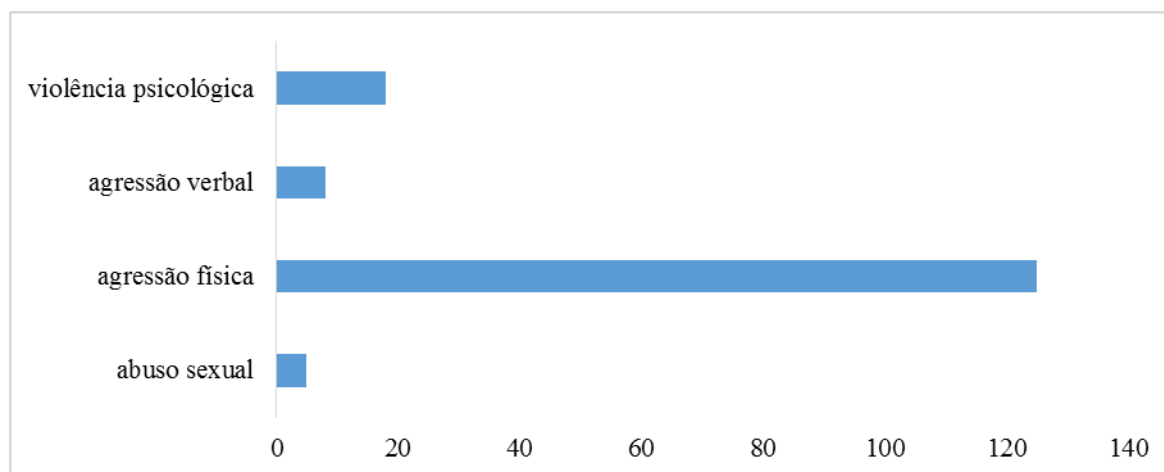
Exposição à violência no bairro	Amarela	Ariana	Branca	Indígena	Negra	P-valor	Total Geral
Não	4	0	5	0	46	0,1466	55
Sim	19	1	98	29	389		536

Fonte: Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (SILVA, 2017).

Nesta perspectiva, realizou-se o teste qui-quadrado para identificar a significância dessas variáveis quando associadas a um conjunto populacional e, pôde-se constatar que há evidências de associação desses indicadores, pois o p- valor = 0,146, logo, menor que o grau de confiança ($p < 0,05$). Isto parece confirmar o que dizem Cerqueira et al. (2017) que a violência no Brasil pode ser vista sob o prisma da desigualdade racial, pois, há uma elevada concentração de homicídios da população negra, o que inclui as categorias negra e parda.

Outra variável analisada neste estudo foi a exposição à violência no ambiente familiar, como identificado a seguir:

Figura 4 – Exposição à violência no ambiente familiar



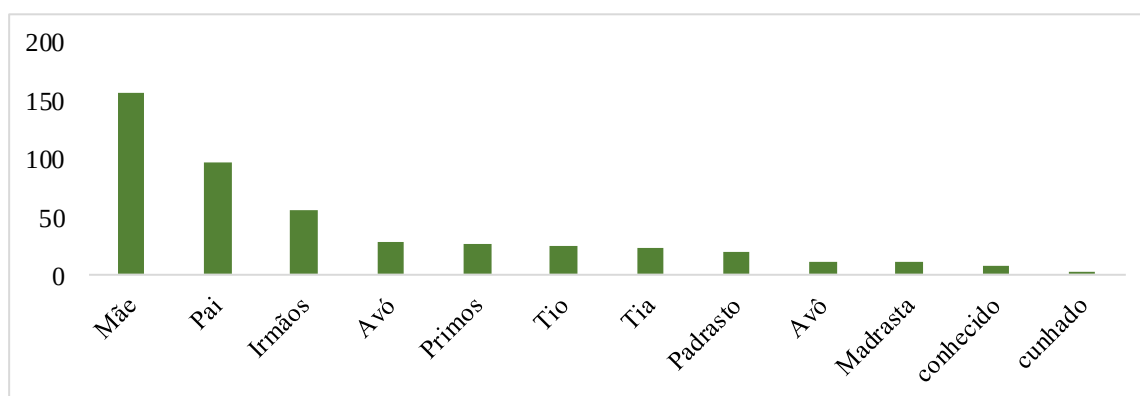
Fonte: Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (SILVA, 2017).

Com o gráfico 4 observa-se que o maior índice dos casos analisados se refere à agressão física, com (fi: 125; 19%); os dados expostos no estudo (MAIA et al. 2017) também identificam resultados semelhantes. As autoras constataram que as violências físicas e verbais foram as mais identificadas, onde foram analisadas as respostas de 658 jovens na faixa

etária de 13 a 24 anos, de ambos os sexos, que cursavam entre a 7ª série do ensino fundamental e o 3º ano do ensino médio de 10 escolas públicas de Belém.

Se observa também que 29,3% são caracterizados como adolescentes e/ou jovens que já sofreram o ato de violência intrafamiliar, especificamente a agressão física. Outra variável alvo de análise é sobre o agressor mais evidenciado e encontrado no banco de dados, conforme explicito abaixo:

Figura 5 –Agressor na Violência Intrafamiliar



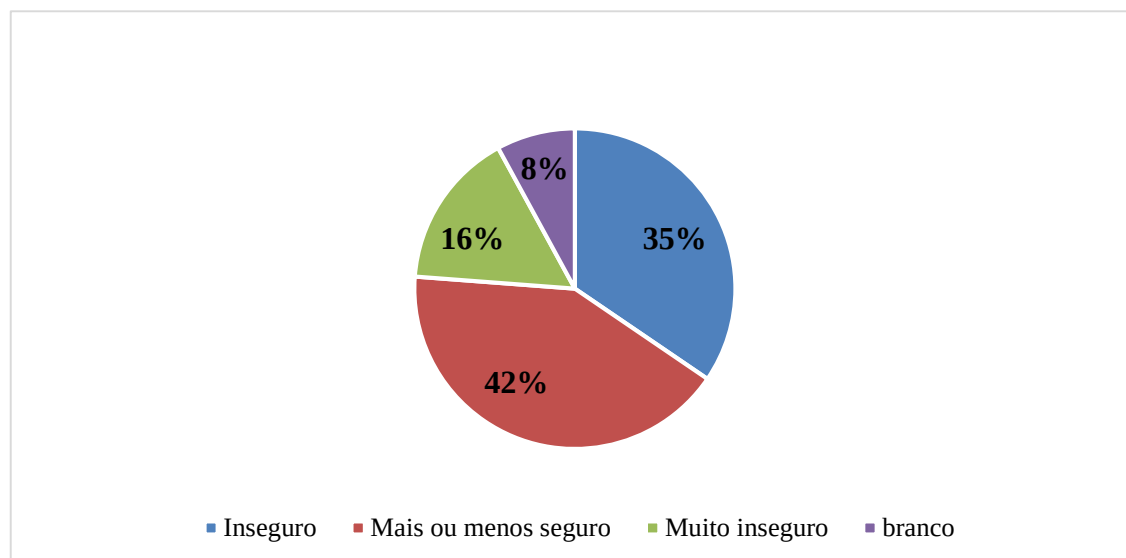
Fonte: Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (SILVA, 2017).

Percebe-se no gráfico 5 que na violência familiar há vários tipos de agressores, desde a genitora até o cunhado, entretanto, é importante destacar que durante a análise desses dados notou-se que a figura materna e paterna destacaram-se como principais agressores nas situações vivenciadas pelas vítimas, tendo a mãe como agressora em (fi: 157; 34%) dos casos ; já o pai em (fi: 96; 21%) das ocorrências registradas , demonstrando que muitas vezes, apesar da genitora e do genitor possuir maior vínculo afetivo e sanguíneo com a vítima, estes podem ser exercer papéis de risco no desenvolvimento dos jovens.

As informações que também corroboram com esses dados foram descritas no estudo de Maia et al., (2017), no qual pode ser observada a genitora como a principal agressora nos casos de violência, como em situações envolvendo soco ou surra, com 51,68%; já em situações de ameaça ou humilhação corresponde a 19,10%; agressão com objeto a 64,1%; e mexer no corpo contra a vontade do sujeito a 10,34% das situações vivenciadas.

Ademais, buscou-se analisar os efeitos causados nos jovens, por meio das suas percepções sobre o nível e segurança nos bairros, e as possíveis mudanças no comportamento desses sujeitos. Desse modo, as variáveis abaixo indicam que:

Figura 6 – Índices de segurança nos bairros



Fonte: Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (SILVA, 2017).

Percebe-se que, entre as respostas dos jovens, os maiores índices foram “mais ou menos seguro” e “inseguro” nos bairros com frequência (fi:268;42%; fi:222; 35%) dos casos. Os dados estão em concordância com aqueles mostrados pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2018, p. 13) que constatou o estado do Pará ocupando a 2º posição do ranking da violência no período de 2016 a 2017. Este documento identifica elevada taxa de mortes violentas intencionais (homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguido de morte e em decorrência de intervenção policial em serviço e fora de serviço), ou seja, foi em 2016 foram observados 50,9% dos casos, e em 2017 houve um aumento desse percentual, com 53,4% dos dados analisados.

Nesse sentido, percebe-se também os altos quantitativos dessa insegurança social no município de Belém, sendo notado pelos indicadores de mortes violentas, indicando também que esta capital ocupa o 7º ranking no que se refere à exposição a atos violentos, logo, com uma frequência (fi:981; 67,5%) das ocorrências (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2018, p. 41).

Outros aspectos analisados referem-se aos efeitos da violência nas percepções dos jovens relacionadas à confiança, percepções de apoio e segurança, como visto a seguir:

Tabela 6 - Efeitos sobre a construção da subjetividade do jovem

Percepção dos jovens	Às	Nunca	Quase	Quase	Sempre	Média/Desvio
----------------------	----	-------	-------	-------	--------	--------------

	vezes		nunca	sempre		Padrão
Pertencimento à comunidade	174	115	65	81	160	119,00 (dp= 47,6498)
Confiança nas pessoas	152	209	126	54	48	117,80 (dp=68,0015)
Segurança na comunidade	174	224	104	45	48	119,00 (dp=78,7274)
Contar com os vizinhos	194	171	117	54	55	118,20 (dp= 64,5190)
Contar com alguma instituição	143	251	118	34	43	117,80 (dp= 88,0267)
Comunidade melhorado nos últimos anos	142	210	111	69	57	117,80 (dp= 61,6660)
Poder falar dos seus problemas	147	258	78	43	51	115,40 (dp= 89,6119)

Fonte: Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (SILVA, 2017).

Com a tabela 6 nota-se as variáveis sobre as relações dos jovens com a comunidade, na qual percebe-se que os maiores quantitativos correspondem aos itens “nunca” e “às vezes”, o que demonstra que estes sujeitos muitas vezes não consideram a comunidade como uma rede de apoio, tendo em vista que as relações sociais, por vezes, não possibilitam um aumento da confiabilidade nas pessoas, segurança, ou até mesmo sensações positivas, que possam auxiliar esses adolescentes na superação dos problemas sociais.

Além disso, neste estudo também buscou-se calcular a média¹⁶ e o desvio padrão ¹⁷ de cada variável. Nessa medida, percebe-se a variabilidade de dispersão acerca da amostra, na qual é visto que o desvio padrão assume valores inferiores à média, podendo, assim, constatar que a amostra, no que tange às variáveis analisadas, é composta por dados mais homogêneos, ou seja, que os valores assumidos pelas médias, em cada variável, são similares, assim, podendo inferir que os efeitos da exposição à violência, mais especificamente da percepção dos jovens sobre a comunidade, de modo geral, são parecidas.

Cabe destacar que os efeitos da exposição à violência entre os adolescentes e jovens podem ser notados de formas variadas, como: pela percepção que estes possuem das pessoas, e das experiências vivenciadas em decorrência da influência que esses eventos exercem na vivência desta fase da vida.

¹⁶ “Média na amostra avaliada é uma estimativa da média na população, cuja precisão depende da dispersão da população e do tamanho da amostra” (NUNO et al., 2008, p. 55)

¹⁷ “O desvio padrão é uma medida de dispersão e o seu valor reflete a variabilidade das observações em relação à média” (NUNO et al., 2008, p. 55)

Nesta perspectiva, também foram analisadas as variáveis que indicam mudança comportamental nos participantes desta pesquisa, como demonstrado a seguir:

Tabela 7 - Efeitos Comportamentais dos jovens

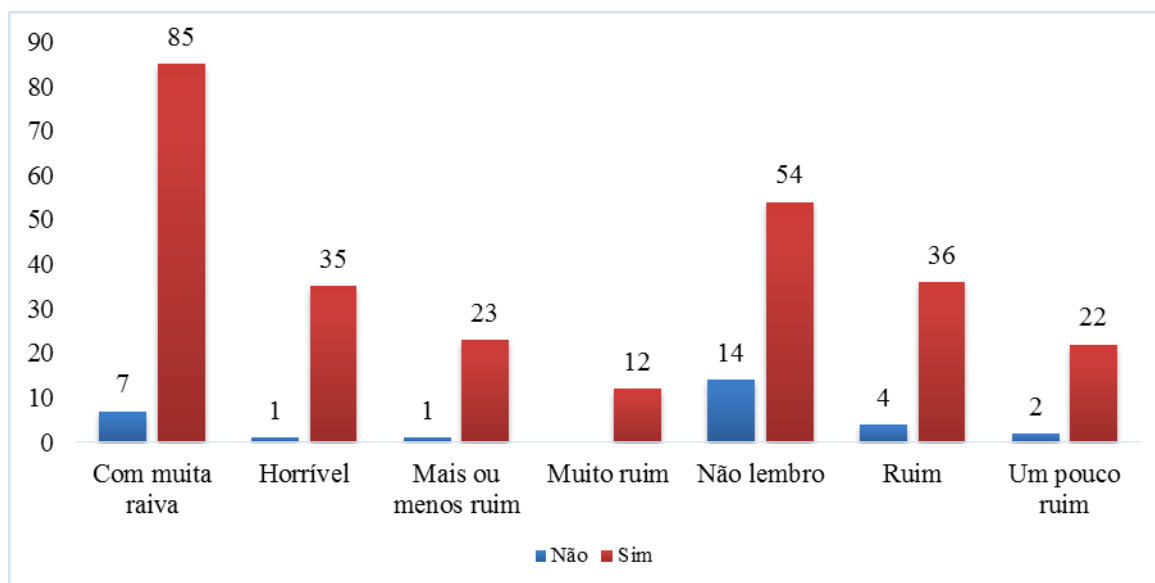
Percepção dos Jovens	Nunca	Quase Nunca	As vezes	Quase sempre	Sempre	Média/Desvio Padrão
Evita sair sozinho	63	42	173	77	221	115,20 (dp=77,5835)
Evita sair de casa à noite	70	73	171	100	169	116,60 (dp= 50,1328)
Evita sair de casa quando a rua está soturna	55	49	131	92	253	116,00 (dp= 83,3367)
Deixa de ir aos bares, festas e boates	96	43	85	52	294	114,00 (dp= 103,0170)
Não volta para casa de madrugada	94	37	108	58	273	114,00 (dp= 93,2497)
Deixa de frequentar casas de amigos ou colegas	156	62	160	78	115	114,20 (dp= 44,3869)
Dependendo do horário, prefere andar de táxi	136	54	134	64	181	113,80 (dp=53,5556)

Fonte: Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (SILVA, 2017).

Na tabela 7 percebe-se a mudança de comportamentos pela exposição ou convivência com a violência entre os jovens, sendo demonstrado pela variável “sempre”, pois esta possui os maiores quantitativos entre as demais opções de respostas em todas as variáveis apresentadas na escala.

Também foi analisada a variável “como se sentiu”, que se refere aos possíveis sentimentos causados nos jovens, em decorrência da violência sofrida na instância familiar, conforme indicado a seguir:

Figura 7 – Relação dos sentimentos dos jovens



Fonte: Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (SILVA, 2017).

Além disso, observa-se os impactos causados entre os jovens, sendo estes identificados pelas sensações presentes no gráfico com os índices apresentados. Nesse sentido, pode-se observar que o impacto da violência, de modo negativo, nos jovens, pois se pode considerar como eventos marcantes, pela sensação de raiva, no desenvolvimento da trajetória destes.

Em relação à percepção de crianças e adolescentes no que concerne à violência nas escolas, realizado pelo Instituto Igarapé e a Visão Mundial, com uma amostra de 1404 crianças e adolescentes, destes 713 eram crianças e 691 adolescentes distribuídas em 12 cidades brasileiras que vivenciam situações de pobreza e vulnerabilidade, foi constatado que “8 em cada 10 entrevistados presenciam brigas na escola e que cerca de 4 crianças/adolescentes em cada 10 não se sentem seguras nas escolas onde estudam”, ou seja, demonstrando estas sensações de segurança nas escolas podem influenciar, de modo negativo, no aprendizado dos jovens. (LIRA, HANNA; 2016, p.15).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência/juventude é considerada como uma fase de múltiplas características, pois é vista sob o prisma da heterogeneidade, na qual é permeada por circunstâncias familiares e sociais, que são essenciais na construção da identidade do sujeito, devido interferirem no modo que este lida com as situações nos diferentes contextos.

O estudo realizado objetivou compreender as relações entre os adolescentes e jovens com a violência, descrevendo como eles são expostos e analisando possíveis efeitos destas em suas trajetórias de desenvolvimento, articulando essas situações de risco com as mudanças de percepção e comportamento desses sujeitos.

Em termos de comparação, por exemplo pode-se observar o Atlas da Violência (2018, p.25), divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que aponta Belém como uma das capitais mais violenta do País, apresentando taxa média de 77,0 homicídios por grupo de 100 mil habitantes. Desse modo, tendo consonância com os dados deste Trabalho de Conclusão de Curso, que indicam alta vulnerabilidade presente entre os sujeitos que residem nos bairros de Belém, sendo constatado, com base no *Inventário Sociodemográfico de identificação de eventos, exposição e percepções sobre a violência*, que dos 643 jovens, 35% já sofreram alguma forma de violência no intervalo de idade 5 à 10 anos e 34% entre 10 à 15 anos.

Já no ano de 2015 observou-se alta as taxas de violência no Pará, mais especificamente em Altamira, que foi indicada como uma das Regiões com maiores percentuais de violência, com população de 108 mil residentes, com quantitativo de homicídios (fi: 114) e com densidade demográfica 0,65 quilômetros quadrados, com nível médio de desenvolvimento (IDH: 0,665). Com isso, enfatiza-se a importância do desenvolvimento econômico para a diminuição das taxas de criminalidade, tendo em vista que o investimento na educação, a oferta de emprego, de fonte de renda, pode incidir na diminuição e/ou regressão dos índices de violência (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2017, p. 14).

De modo geral, percebe-se que esses eventos de exposição à violência são, por vezes, relacionados à ocorrência de situações de vulnerabilidade no ambiente intrafamiliar ou comunitário dos adolescentes e jovens, podendo ser descrito pelo uso do álcool ou substâncias ilícitas, taxas de criminalidade no bairro, desemprego, pobreza, conflitos familiares e nível socioeconômico, sendo que estes podem influenciar, de modo significativo, na percepção desses jovens sobre o autoconceito, autoestima e, também, nas relações sociais

Ademais, verificou-se que na relação familiar, em 34% dos casos a genitora é a principal agressora, seguido pelo genitor e outros da instância familiar. Assim, observou-se que, muitas vezes, as pessoas que deveriam ser consideradas redes de apoio para os jovens, pois teriam a responsabilidade de proteger e cuidar, podem representar risco para esses sujeitos

Diante desses indicadores de risco, a pesquisa demonstrou que os elevados índices de exposição à violência podem repercutir na percepção dos jovens, no que tange ao nível de segurança dos bairros em que residem, podendo ser considerado como um indicador relevante, pois estes sujeitos evitam certos lugares, ou até mesmo optam sair acompanhados devido não se sentirem seguros em certas localidades. A figura 6 demonstra isso - a taxa de insegurança corresponde a 35%, e de mais ou menos seguro a 42% dos casos analisados.

Notamos que os impactos causados nos adolescentes/jovens podem estar associados à percepção destes no que tange à comunidade ou podem ser identificadas pelas mudanças comportamentais repercutidas pela exposição a alguma forma de violência, assim, exercendo influência na construção da personalidade destes sujeitos, pois essa exposição poderá definir as suas ações no meio social.

Assim, percebemos a importância de identificar os efeitos da exposição à violência, pois assumem um caráter amplo, que direciona o comportamento dos adolescentes/jovens perante a sociedade, e que também pode implicar em maiores índices de violência, com atitudes agressivas, isolamento, baixa autoestima, baixa confiabilidade nas pessoas, ou seja, maior tendência a desenvolver problemas psicológicos, na medida em que, as sensações negativas podem afetar o desenvolvimento pessoal e social do sujeito.

Tendo isso em vista, é considerado de suma importância a atuação da família, comunidade e escola como agentes auxiliares na formação desses sujeitos, na qual estas possam atuar como rede de apoio perante as situações de risco vivenciadas por esses adolescentes/jovens, para que esses sujeitos consigam garantir os direitos básicos, e assim, diminuir os índices de exposição à violência desses jovens.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. A violência na sociedade contemporânea. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2010

AMPARO, Deise Matos do et al. Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. **Estudos de Psicologia (natal)**, [s.l.], v. 13, n. 2, p.165-174, ago. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x2008000200009>.

ANTONIAZZI, Adriane Scomazzon; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; BANDEIRA, Denise Ruschel. O conceito de coping: uma revisão teórica. **Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 3, p.273-294. 1998.

ARPINI, Dorian Mônica; SIQUEIRA, Aline Cardoso; SAVEGNANO, Sabrina dal Ongaro. Trauma psíquico e abuso sexual: o olhar de meninas em situação de vulnerabilidade. **Psicologia; Teoria e Prática**, Santa Maria, v. 14, n. 2, p.88-101, 2012.

ASSIS, S. PESCE, R & AVANCI, J. Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes. UNICEF / ARTMED. Porto Alegre. 2006.

ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010. 260 p. ISBN 978-85-7541-330-2. Available from SciELO Books. <http://books.scielo.org/id/szv5t/pdf/assis-9788575413302.pdf>

AVANCI, Joviana Q et al. Escala de violência psicológica contra adolescentes. **Revista Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 39, p.702-708, fev. 2005.

AZEVEDO, Cinthya Rebecca Santos. Adolescência e ato infracional: violência institucional e subjetividade em foco. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 37, n. 3, p.579-594, jul./set.,2017.

BANDEIRA, Claudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. As implicações do bullying na autoestima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, p.131-138, jan./jun. 2010.

BENETTI, Silvia Pereira da Cruz et al. **Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência**. Psico-USF (Impr.) [online]. 2010, vol.15, n.3, pp.321-332. ISSN 2175-3563. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712010000300006>.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Meta-análise: seu significado para a pesquisa qualitativa. In: **Revemat**, Florianópolis (sc), v. 9, n. 9, p.07-20, jun. 2014.

BOTELHO, Adriana Pedreira; MORAES, Mayara Cristina Muniz Bastos; LEITE, Ligia Costa. Violências e riscos psicossociais: narrativas de adolescentes abrigados em Unidades de Acolhimento do Rio de Janeiro, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 1, n. 20, p.6-16, fev. 2015.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BOURDIEU, Pierre, 1930 – **Sobre a Televisão**/ Pierre Bourdieu: Tradução. Maria Lúcia Machado. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BRASIL. **Lei nº.12.852, de 5 de agosto de 2013.** Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf. Acesso em: 02 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica.pdf. Acesso em 02 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde** / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília : Ministério da Saúde, 2010.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da Violência** – 2017. Rio de Janeiro: Ipea/FBSP. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/atlas-2017>. Acesso em: 02 jan. 2019.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da Violência** – 2018. Rio de Janeiro: Ipea/FBSP. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/10/atlas-municipio>. Acesso em: 15 jun. 2019.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: Como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p.432-443, jul./dez., 2002

DALMORO, Marlon; VIEIRA, Kelmara Mendes. Dilemas na construção de escalas Likert: O número de itens e a disposição influenciam nos resultados. **Gestão Organizacional**, [s.l.], v. 6, p.161-174. 2013

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Minas Gerais, v. 1, n. 24, p.40-52, set. 2003.

DAYRELL, Juarez; MOREIRA Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia. Belo Horizonte: Ed. PUC

DELL'AGLIO, D. KOLLER, S. CERQUEIRA-SANTOS, B. & COLAÇO. Questionário da Juventude Brasileira. Versão Fase II, 2009.

DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Compreendendo os Processos de Risco e Resiliência em Adolescentes que Vivem em Situações de Vulnerabilidade Social no Brasil. *Global Journal of Community Psychology Practice*. Volume 3, Issue 4. December 2012 pp. 184-191.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Org.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007. Cap. 1. p. 21-56.

EVANGELISTA, Vítor de Moraes Alves; CONSTANTINO, Elizabeth Piemonte. A relevância das redes de apoio social durante a infância. **Estudos**, n. 17, p.217-232.2013.

FIGUEIREDO FILHO, Dalson Britto; SILVA JÚNIOR, José Alexandre da. Desvendando os Mistérios do Coeficiente de Correlação de Pearson (r). **Política Hoje**, v. 18, n. 1, p.115-146, 2009.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Edição XII. São Paulo, 2018.

FRANZIN, Lucimara Cheles da Silva et al. Violência e maus tratos na infância e adolescência. **Revista Uningá Review**, v. 16, n. 3, p.1-10, out. /dez. 2013.

Fundação Lemann e Meritt (2012): portal QEdu.org.br, acessado em 09/07/2018
GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social / Antônio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

KOLLER, S. MORAIS, N e CERQUEIRA-SANTOS. Adolescentes e Jovens brasileiros: levantando fatores de risco e proteção. In. KOLLER, S. e LIBÓRIO, R. **Adolescência e Juventude**: risco e proteção na realidade brasileira. Casa do Psicólogo. São Paulo. 2009.

LADEIA, Priscilla Soares dos Santos; MOURÃO, Tatiana Tscherbakowski; MELO, Elza Machado de. O silêncio da violência institucional no Brasil. **Rev Med**, Minas Gerais, p.398-401, fev. 2016

LEMOS, Ida Timóteo. Risco psicossocial e psicopatologia em adolescentes com percurso delinquente. **Análise Psicológica**, v. 28, n. 1, p.117-132, 2010.

LEON, A. L. P. Juventude, juventudes: uma análise do trabalho e renda da juventude brasileira. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. (Org.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007. Cap. 1. p. 21-56.

LIBÓRIO, R.; KOLLER, S. **Adolescência e Juventude**: risco e proteção na realidade brasileira. Casa do Psicólogo. São Paulo. 2009.

LIBÓRIO, R.M.C.; DELL'AGLIO, D.D.; YUNES, M. A. M. A escola como contexto de desenvolvimento: Risco ou Proteção. Mesa redonda apresentada no VII Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional (CONPE), organizado pela ABRAPEE. 2005.

LIRA, Karina; HANNA, Natalie. Índice de Segurança da Criança. **Visão Mundial**.p.1-19, out. 2016

LUGARINHO, Leonardo Planel; AVANCI, Joviana Quintes; PINTO, Liana Wernersbach. Perspectivas dos estudos sobre violência na adolescência e cortisol: Revisão bibliográfica sistemática. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 22, p.1321-1332. 2017.

LUNET, Nuno; SEVERO, Milton; BARROS, Henrique. Desvio padrão ou erro padrão. *Arquivos de Medicina*. n.20, p. 55-59. 2008.

MAIA, Rosely Cardoso et al. Da Proteção ao Risco: Configurações da Violência Intrafamiliar na Juventude Paraense. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s.l.], v. 33, p.1-8, 16 out. 2017. FapUNIFESP (SciELO).

MALTA, Deborah Carvalho et al. *Bullying* em escolares brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **Rev Bras Epidemiol**, p.92-105, fev. 2014
Manual da aprendizagem: o que é preciso saber para contratar o aprendiz – 4. ed. – Brasília: MTE, SIT, SPPE, ASCOM, 2009

MEJIA, Margarita Rosa Gaviria. Violência na escola, expressão de violação dos direitos humanos. **Signos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 34, p.81-99. 2013
Minas, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência contra crianças e adolescentes: questão social, questão de saúde. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 2, n. 1, p.91-102, maio/ago. 2001.

MOURA, Jaqueline Pereira et al. Implicações da violência na infância e adolescência. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**. Três Corações, v. 12, n. 1, p.513-524, jan./jul. 2014

NJAINE, K. The significance of violence or senseless violence - the adolescents' perspective vis-à-vis the media. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, Educ., v.10, n.20, p.381-92, jul/dez., 2006

NUNES, Cristina. O processo da revelação: Um caso de incesto. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, p.386-396. 2014.

NUNES, Tatiene, PONTES, F. A. R., SILVA, Lúcia. Isabel., DELL'AGLIO, D. D. Fatores de risco e proteção na escola: Reprovação e expectativas de futuro de jovens paraenses”. **Revista Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional.**, v.18, p.203 210. 2014.

PATIAS, Naiana Dapieve; SILVA, Doralúcia Gil da; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Exposição de adolescentes à violência em diferentes contextos: Relações com a saúde mental. **Temas em Psicologia**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p.205-2018. 2016.

PAULA, Tassiane Cristine Santos de; MOREIRA, Fernanda Goncalves; ANDREOLI, Sérgio Baxter. Risco psicossocial e psicopatologia em adolescentes com percurso delinquente: Efetividade do atendimento psicossocial na continuidade escolar de adolescentes em vulnerabilidade social. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 4, n. 25, p.789-798, out. /dez. 2016.

PFEIFFER L, Salvagni EP. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. J Pediatr (Rio J). 2005;81(5 Supl):S197S204

POLETTTO, M.; KOLLER, S. H.; DELL'AGLIO, D. D. Eventos estressores em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre. **Ciênc. Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 14, n. 2, p.455-466, 2009.

PRADO, Maria do Carmo Cintra de Almeida; CARNEIRO, Terezinha Féres. Abuso sexual e traumatismo psíquico. **Interações**, v. 10, n. 20, p.11-34, jul./dez. 2015
Revista CREAS : Centro de Referência Especializado de Assistência Social. -- Ano 2, n. 1, 2008. – Brasília: MDS, 2008

RISTUM, M. Bullying escolar. In: ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. **Impactos da violência na escola**: um diálogo com professores [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010, pp. 95-119. ISBN 978-85-7541-330-2. Available from SciELO Books. <http://books.scielo.org/id/szv5t/pdf/assis-9788575413302-06.pdf>.

RUOTTI, Caren Violência na escola : um guia para pais e professores / Caren Ruotti, Renato Alves, Viviane de Oliveira Cubas. – São Paulo : Andhep : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

RUOTTI, Caren. Violência em meio escolar: Fatos e reproduções na produção da realidade. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 1, p.339-355, jan./abr. 2010

RUZANY, Maria Helena; MEIRELLES, Zilah Vieira. Adolescência, juventude e violência: identificação, abordagem e conduta. **Adolescência e Saúde**, v. 6, n. 3, p.52-60, set. 2009

SACRAMENTO, Livia de Tartari e; REZENDE, Manuel Morgado. Violências: lembrando alguns conceitos. **Aletheia**, Canoas, n. 24, p. 95-104, dez. 2006.

SANTANA, Rebeca Pinheiro de; SANTANA, Judith Sena da Silva. Marcas e prejuízos da violência contra crianças e adolescentes segundo profissionais de hospitais públicos. **Rev Enferm**, Recife, p.431-439, jan. 2015

SILVA, Lúcia Isabel. **Projeto de Pesquisa: Violências contra crianças, adolescentes e jovens**: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade). FPA. ICED. 2017.

SILVA, Lúcia Isabel. (2012). **Entre risco e proteção**: o ser jovem em Belém do Pará. Relatório Final de pesquisa. UFPA. ICED.

SILVA, Lúcia Isabel. (2014). Adolescência, Juventude e violência: compreendendo fatores de risco e proteção em diferentes contextos (escola, família, comunidade e pares). Relatório Parcial de Pesquisa. UFPA / ICED.

SILVA, Lúcia Isabel. (2017). Inventário Sociodemográfico e de identificação de eventos, exposição e percepções sobre a violência para adolescentes e jovens. Instrumento de Pesquisa. UFPA / ICED.

SILVA, Lúcia Isabel. (2017). **Violências contra crianças, adolescentes e jovens**: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade). Relatório de Pesquisa. UFPA/ICED.

TAKEITI, Beatriz Akemi; VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves. A produção de conhecimento sobre juventude (s), vulnerabilidades e violências: uma análise da pós-graduação brasileira nas áreas de Psicologia e Saúde (1998-2008). **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 3, p.945-963, jan. 2015.

TREINTA, Fernanda Tavares et al. Metodologia de pesquisa bibliográfica com a utilização de método multicritério de apoio à decisão. In: **Produção**, Niterói, RJ, v. 24, n. 24, p.508-520, jul. 2014.

UNESCO Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial. – Brasília: 2019.

UNESCO. **School violence and Bullying**: global status report. Brasília, 2017

UNICEF. **Um rosto familiar**: A violência na vida de crianças e adolescentes.2017. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/pt/media_37371.html. Acesso em 08 julho de 2018.

WASELFISZ, J.J. **Mapa da Violência 2016**: Mortes Matadas por Armas de Fogo. Rio de Janeiro, FLACSO/CEBELA, 2016. Disponível em: https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf. Acesso em 02 jan. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE 01: TERMO DE CONCORDÂNCIA PARA A INSTITUIÇÃO.

Somos integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Adolescência, Juventude, Vulnerabilidade e Fatores de Proteção (GEPJUV), grupo de pesquisa ligado ao Instituto de Ciências da Educação – ICED/Faculdade de Educação – FAED e Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED. Desde 2010 desenvolvemos pesquisas sobre adolescência e juventude no Estado do Pará, especialmente na Região Metropolitana de

Belém. Estas pesquisas nos possibilitaram construir um banco de dados sobre a juventude deste Estado e uma boa compreensão sobre o que é ser adolescente e jovem nesta região, compreendendo as inter-relações entre risco e proteção em diferentes contextos e dimensões.

Neste momento o GEPJUV está dando continuidade à pesquisa “Adolescência, juventude e violência: fatores de risco e proteção em diferentes contextos (escola, família e comunidade, pares e instituições de atendimento)” e se propõe a compreender o fenômeno da violência contra crianças, adolescentes e jovens, partindo de uma visão ampla e diversificada dos diferentes atores da Rede de proteção, em especial escola e comunidade, discutindo ainda seus impactos no desenvolvimento destes sujeitos. É uma proposta pretende ampliar conhecimentos em nosso banco de dados e este sob coordenação da Profa. Dra. Lúcia Isabel da Conceição Silva (SILVA: 2013; 2014; 2015).

Esta fase inclui: 1) Devolução, em forma de rodas de conversas, dos resultados para as escolas e estudantes que participaram dos estudos anteriores e os que irão participar da nova pesquisa; 2) Aplicação de novos instrumentos de coleta de dados. Por este motivo, temos o prazer de convidar a vossa instituição para participar destes momentos, ao mesmo tempo em que solicitamos autorização para realiza-los nos espaços e com estudantes de 12 a 29 anos desta escola.

Esclarecemos que a adesão da escola absolutamente voluntária, sem nenhum custo e que Vossa Senhoria poderá solicitar quaisquer outras informações sobre o trabalho em qualquer momento. Informamos por fim que todos os cuidados éticos estão obedecidos na realização deste estudo, incluindo o anonimato dos dados coletados mediante observância na Res. 406/2012 do CNS.

Estamos realizando a pesquisa “Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade)”, cujo objetivo consiste em construir uma compreensão abrangente sobre o fenômeno da violência contra crianças, adolescentes e jovens e possibilidades de enfrentamento, identificando a exposição à violência, concepções dos sujeitos e instituições, atuação da rede de proteção e impactos nos processos de desenvolvimento. Tal pesquisa prevê a participação de adolescentes e jovens na faixa etária de x a x anos, de ambos os sexos. Para tanto, solicitamos a autorização para realizar esta pesquisa nesta instituição.

Os adolescentes e jovens participantes da pesquisa serão devidamente esclarecidos de que a sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida em qualquer momento, sem prejuízo algum. Em qualquer fase, os participantes e/ou a instituição poderão solicitar informações acerca da pesquisa.

Profa. Dra. Lúcia Isabel da Conceição Silva Coordenadora GEPJUV

APÊNDICE 02: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

Pesquisa: Violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens: exposição e percepções sobre risco e proteção nas suas trajetórias de desenvolvimento

Você está sendo convidado para participar do estudo “Violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens: exposição e percepções sobre risco e proteção nas suas trajetórias de desenvolvimento”, cujo objetivo consiste em **investigar a exposição à violência no contexto familiar de adolescentes/jovens, identificando suas percepções sobre esta violência e sobre os**

fatores de risco e proteção presentes nas suas trajetórias de desenvolvimento”. A pesquisa será realizada através de entrevista semiestruturada.

Esclarecemos que a participação é totalmente voluntária, podendo o(a) senhor(a) solicitar a recusa ou desistência de participação do mesmo a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo. Esclarecemos, também, que as serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa (ou para esta e futuras pesquisas) e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade do adolescente ou do jovem.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

Ao concordar com esta pesquisa, o participante não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo possa evidenciar como se configura a exposição à violência intrafamiliar em adolescentes e jovens, quais as percepções destes sobre esta violência e ainda, como podem impactar nas suas trajetórias de desenvolvimento, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

O sujeito não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Belém, ____/____/____

Assinatura do sujeito /representante responsável

Belém, ____/____/____

Assinatura da testemunha
(para caso de sujeitos menores de 18 anos, analfabetos, semi-analfabetos ou portadores de deficiência auditiva ou visual, privados de liberdade e etc...)

Belém, ____/____/____

Assinatura do sujeito que colheu o TCLE (Somente para o responsável do projeto)
Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste paciente ou representante legal para a participação neste estudo.

Belém, ____/____/____

ANEXOS

Anexo 01: INVENTÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E DE IDENTIFICAÇÃO DE EVENTOS, EXPOSIÇÃO E PERCEPÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA PARA ADOLESCENTES E JOVENS. (SILVA, 2017)

Código escola: _____ Turma: _____ Turno: _____ Série: _____
Bairro: _____

PERFIL DO ENTREVISTADO

1. Idade: ____ 2. Naturalidade (Em qual município você nasceu?) _____ 3. Sexo: a. () masculino
b. () feminino
4. Cor/raça: a. () amarela b. () branca c. () indígena d. () parda e. () negra f. () outra
raça. Qual? _____
5. Estado civil: a. () solteiro b. () casado ou vive junto c. () outra situação
6. Tem filhos: a. () não b. () sim. C. Quantos? _____
7. Religião: a. () afro-brasileira b. () católica c. () espírita d. () evangélica / protestante e. ()
judaica f. () oriental g. () acredita e Deus / sem religião h. () não acredita em Deus / sem religião.
8. Como você considera sua vida como adolescente ou jovem?

EDUCAÇÃO

- 9 . Pensando na sua vida nos próximos anos, quais são as três coisas que mais preocupam você:** a.
() Saúde
b. () Educação
c. () Família
d. () Violência
e. () Falta de oportunidade de trabalho
f. () Uma renda fixa
- 10. A maior parte do tempo estudou:** a. () escola pública b. () escola privada com bolsa c. ()
) escola privada sem bolsa
- 11. Em qual turno estudou a maior parte do tempo:** a. () manhã b. () tarde c. () noite
- 12. Você já foi reprovado?**
a () Sim
b () Não c. Quantas vezes: _____
- 13. Se você já foi reprovado, seu interesse ou participação em atividades que eram importantes
para você diminuiu depois desta experiência (reprovação)?** a. () Não
b. () Sim c. Que atividades foram estas?
-
- 14. Você já teve algum problema na escola?** a. () Sim b. () c. Não Qual:

Com quem	Qual	
	a. Discussão	b. Briga
a. Colegas de sala de aula		
b. Colegas da Escola		
c. Professores		
d. Diretoria		
e. Coordenação		
f. Outros: _____		

15. Você já foi expulso de alguma escola?

- a. () sim
b. () Não c. Quantas vezes: _____
a. Por que? b. () Brigas c. () Faltas d. () Outro: _____

16. Você tem alguma dificuldade em se expressar sobre qualquer coisa ou pessoa na escola? a. ()

Não

b. () Sim c. Por quê?

_____.

17. Sua escola realiza outras atividades além das aulas? a.() sim b.() não

Se sim, c. Quais? D. Quando?

- Você participa dessas atividades? A. () sim B. () não

18. Você costuma ler, o que:

a. () Livros didáticos

b. () Livros de literatura/romance

c. () Livros de autoajuda

d. () A Bíblia

e. () Outros. F. Qual (is) _____

19. Na sua escola existem estes espaços:

a. () Conselho de Classe

b. () Conselho Escolar

c. () Grêmio estudantil (ou qualquer outra associação estudantil)

d. () Representantes de Classe.

e. () Outros espaços de participação dos estudantes. F. Quais? _____

20. Você participa desses espaços? a. () não b. () sim. c. De que forma -

21. Você frequenta sua escola nos finais de semana? a. () não b.() sim.

22. O que você vai fazer na escola aos finais de semana:

a. () Assistir apresentações de teatro, filmes, música ou dança.

b. () Encontrar amigos

c. () Assistir aulas regulares ou reforço

d. () Fazer cursos

e. () Festas

f. () Praticar esportes

g. () Atividades comunitárias ou voluntárias.

h. () Outros motivos.

Quais? _____

23. Você usa o computador e/ou a Internet:

Na Escola a. () sim b. () Não Em casa a. () sim b. () Não Como você utiliza:

a. () Utilizo o computador, mas não acessa a internet

b. () Utilizo o computador com a internet

c. () Utilizo a internet no celular

d. () Não utilizo

24. Com que frequência você utiliza a Internet:

- a. ☐ não utilizo
- b. ☐ uma ou duas vezes por mês
- c. ☐ apenas aos finais de semana
- d. ☐ de um a dois dias por semana
- e. ☐ entre três e cinco dias por semana
- f. ☐ todos os dias

25. Em média, quando você se conecta, quanto tempo fica conectado:

- a. ☐ Não me conecto a Internet
- b. ☐ Menos de meia hora
- c. ☐ De meia a uma hora
- d. ☐ De uma a três horas
- e. ☐ De três horas a cinco horas
- f. ☐ Mais de cinco horas

26. Se você usa a Internet, você a utiliza para: (Marque mais de uma resposta se necessário). a. (

-) Buscar informação / notícias**
- b. ☐ Me comunicar com as pessoas (e-mail, redes sociais, etc.)
- c. ☐ Baixar músicas, jogos, filmes
- d. ☐ Fazer trabalhos da escola
- e. ☐ Navegar em sites de meu interesse
- f. ☐ Fazer/escrever blogs
- g. ☐ Jogar
- h. ☐ Comprar coisas i ☐ Sites de relacionamento j. ☐ Trabalhar
- k. ☐ Procurar emprego
- l. ☐ Comprar
- m. ☐ Acessar sites com
- n. ☐ Conteúdo sexual
- o. ☐ Outra atividade. Qual? _____

27. Você faz ou já fez algum curso além da escola regular? a. () não b.() sim. c. Qual (is):

- a. ☐ Culturais (teatro, dança, música, artes)
- b. ☐ Profissionalizante
- c. ☐ Esporte
- d. ☐ Informática
- e. ☐ Língua Estrangeira
- f. ☐ Pré-vestibular particular
- g. ☐ Pré-vestibular comunitário
- h. ☐ Reforço escolar
- i. ☐ Religioso
- j. ☐ Outro. Qual: _____

28. Por favor, marque com X no número que corresponde a sua opinião sobre as seguintes afirmativas:

- ①Discordo totalmente
- ②Discordo um pouco
- ③Não concordo nem discordo
- ④Concordo um pouco

⑤Concordo totalmente

A	Eu me sinto bem quando estou na escola	①	②	③	④	⑤
B	Gosto de ir para a escola	①	②	③	④	⑤
C	Gosto da maioria dos meus professores	①	②	③	④	⑤
D	Quero continuar meus estudos nessa escola	①	②	③	④	⑤
E	Posso contar com meus professores	①	②	③	④	⑤
F	Posso contar com técnicos da escola (orientador, coordenador)	①	②	③	④	⑤
G	Confio nos colegas da escola	①	②	③	④	⑤
H	Gosto da infra-estrutura física e equipamentos (banheiros, salas, pátio, biblioteca, computadores) da minha escola	①	②	③	④	⑤
I	Gosto de fazer trabalhos em grupo e estudar em casa com alguns colegas	①	②	③	④	⑤
J	A maioria dos professores explica/explicava a matéria e repete/repetia no caso de dúvida	①	②	③	④	⑤
K	Meus colegas de classe fazem muita “zoeira” e bagunça, a ponto de atrapalhar as aulas	①	②	③	④	⑤
L	A maioria dos professores se mostra/mostrava interessada na aprendizagem	①	②	③	④	⑤
M	A escola e os professores apoiam / apoiavam os alunos com dificuldades	①	②	③	④	⑤
N	É muito comum os professores faltarem	①	②	③	④	⑤
O	Eu me sinto seguro (violência, roubo, dentre outros) na minha escola	①	②	③	④	⑤
P	Gosto do Nível de interesse e dedicação dos professores	①	②	③	④	⑤
Q	Você faz/fazia parte do grupo que gosta de fazer „zoeira” e bagunça	①	②	③	④	⑤
R	Gosto das atividades esportivas, culturais e recreativas	①	②	③	④	⑤

Fonte: Adaptado do Questionário Juventude Brasileira (2010).

FAMÍLIA

29. Com quem você mora? (Marque todos os que moram na mesma casa que você)

- a. () Pai
- b. () Mãe
- c. () Irmãos e/ou irmãs
- d. () Tio e /ou Tias
- e. () Esposa, marido ou namorado
- f. () Avó ou Avô
- g. () Cunhado ou cunhada
- h. () Sobrinhos
- i. () Primos
- j. () Outras pessoas
- k. () Sozinho

30. Quem é o responsável financeiro pela família: _____

31. Qual a renda familiar?

- a. () Não tem renda
- b. () De 01 a 02 Salários Mínimo.
- c. () De 03 a 05 Sm
- d. () De 05 a 10 SM
- e. () Acima de 10 SM

31. 1 Quantas pessoas são mantidas com essa renda? _____

32. A família recebe algum benefício social? a.() sim b.() não - Se sim, qual (is):

- a. () Bolsa família
- b. () Bolsa escola
- c. () Bolsa trabalho
- d. () Auxílio doença
- e. () Aposentadoria
- f. () Pensão alimentícia
- g. () Outro(s)

Qual(is) _____

33. Qual a escolaridade dos responsáveis pela sua família (escreva nos espaços quem são os responsáveis [pai, mãe, avô, avó, etc] e entre os parênteses a escolaridade deles):

Exemplo: (e) _____ PAI

() _____ / () _____ / () _____

- a. Não frequentou a escola
- b. Ensino Fundamental (da 1ª a 4ª série)
- c. Ensino Fundamental (da 5ª a 8ª série)
- d. Ensino Médio incompleto.
- e. Ensino Médio completo
- f. Curso pré-vestibular
- g. Ensino Superior incompleto
- h. Ensino Superior completo
- i. Pós-graduação.

34. Sua família participa de sua vida escolar? () Sim, participa. De que forma:

- a. () Participando das reuniões de pais
- b.() Participando do conselho escolar
- c.() Participando da Associação de Pais
- d.() Participam de projetos na escola.
- e.() Conversando com os professores na sala de aula
- f.() Ajudando nas tarefas e trabalhos escolares
- g.() Verificando os materiais escolares regularmente (livros e cadernos)
- h.() Adquirido livros para leituras complementares (enciclopédias, livros de contos, etc.).
- i.() Participando das atividades acadêmicas, como “feira da cultura”, “semana científica”, outros.
- j.() Participando das atividades na escola nos finais de semana
- k.() Participando das atividades culturais desenvolvidas pela escola
- l.() Participando das comemorações festivas desenvolvidas pela escola m() Outro(s).

Qual(is) _____

n.() Não participa. Por
quê _____

35. Condição de moradia: a. Alugada () b. Própria () c. Cedida () d. Financiada ()

36. Pensando na sua família e nas relações com as pessoas que moram com você, responda as questões a seguir.

- ①Discordo totalmente
- ②Discordo um pouco
- ③Não concordo nem discordo

④Concordo um pouco

⑤Concordo totalmente

A	Costumamos conversar sobre problemas da nossa família	①	②	③	④	⑤
B	Meus pais raramente me criticam	①	②	③	④	⑤
C	Raramente ocorrem brigas na minha família	①	②	③	④	⑤
D	Quando estou com problemas, posso contar com a ajuda dos meus pais	①	②	③	④	⑤
E	Sinto que sou amado e tratado de forma especial pelos meus pais	①	②	③	④	⑤
F	Meus pais em geral sabem onde eu estou	①	②	③	④	⑤
G	Nunca sou humilhado por meus pais	①	②	③	④	⑤
H	Meus pais raramente brigam entre eles	①	②	③	④	⑤
I	Meus pais dão atenção ao que eu penso e ao que eu sinto	①	②	③	④	⑤
J	Meus pais conhecem meus amigos	①	②	③	④	⑤
J	Eu me sinto aceito pelos meus pais	①	②	③	④	⑤
L	Meus pais me ajudam quando eu preciso de dinheiro, comida ou roupa	①	②	③	④	⑤
M	Costumo conversar com meus pais sobre decisões que preciso tomar	①	②	③	④	⑤
N	Meus pais sabem com quem eu ando	①	②	③	④	⑤
O	Eu me sinto seguro com meus pais	①	②	③	④	⑤
P	Posso confiar ou para falar de você ou sobre seus problemas	①	②	③	④	⑤
Q	Posso compartilhar minhas preocupações e medos mais íntimos com meus pais	①	②	③	④	⑤
R	Posso contar com meus pais para dar sugestões de como lidar com um problema pessoal	①	②	③	④	⑤
S	Costumo me divertir com meus pais	①	②	③	④	⑤

Fonte: Adaptado do Questionário Juventude Brasileira (2010).

TRABALHO

37. Você está trabalhando atualmente.

a. () Não b. () Sim c. () Qual seu trabalho?

_____ Quanto você ganha? _____

38. Qual a situação do seu trabalho.

- a. () Carteira assinada
- b. () Bico
- c. () Conta própria
- d. () Bolsista
- e. () Estagiário
- f. () Empregador
- g. () Funcionário público
- h. () Contrato com tempo determinado
- i. () Outra.

Qual. _____

39. Se não trabalha no momento, já realizou atividade remunerada? a. () Sim b. () Não

d. Qual o último trabalho com carteira assinada? _____

e. Qual o último trabalho sem carteira assinada? _____

40. Você está procurando trabalho.

b. () sim b. () não

c. Que tipo de atividade remunerada gostaria de ter? _____

CULTURA, LAZER E PARTICIPAÇÃO

41. Quais destes lugares você costuma frequentar.

- | | | |
|--------------------------|------------------------------|-------------------------|
| a. () Cinema | h. () Museu | o. () Teatro |
| b. () Parques | i. () Shopping's | p. () Bares |
| c. () Boteco | j. () Festas de aparelhagem | q. () Espaço esportivo |
| d. () Cyber | k. () Escola | r. () Igreja |
| e. () Estádios | l. () Bosques | s. () Biblioteca |
| f. () Shows | m. () Futebol | t. () Praças |
| g. () Casa dos parentes | n. () Casa dos amigos | |
| u. () Outro(s) | | |
| Qual(is) _____ | | |

42. Você faz parte de algum grupo.

- a. () Não b. () Sim. c. De que tipo:
- a. () Associação comunitária ou de moradores
- b. () Associação estudantil
- c. () Clube ou associação esportiva
- d. () Grupo artístico ou cultural
- e. () Grupo religioso
- f. () Movimento social ou ONGs
- g. () Partido político
- h. () Jornal / Rádio / TV Comunitário ou escolar.
- i. () Outro. Qual. _____

SOBRE VIOLÊNCIA NA COMUNIDADE

43. O que é violência para você? Duas palavras

44. Você já presenciou eventos de violência na sua escola? a. () sim c. () Não c. Quais?

- a. () ameaças b. () Brigas c. () Discussões d. () morte

45. Quem eram os envolvidos?

- a. () Amigo b. () Familiares c. () Vizinhos d. () Outros: _____

46. Você já presenciou eventos de violência no seu bairro ou comunidade? a. () sim () b. Não c.

- Quais a. () ameaças b. () Brigas c. () Discussões d. () Morte

47. Quem eram os envolvidos? a. () Amigo b. () Familiares c. () Vizinhos d. ()

Outros: _____

48. Você já sofreu algum tipo de violência na sua comunidade:

- a. () Sim. b. Qual tipo? _____ b. () Não

49. O que você acha que pode ser feito para resolver essas situações?

SOBRE VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

50. Você já sofreu algum tipo de violência dentro da sua família

- a.() Sim. Qual tipo? _____ b.() Não

51. Você tinha quantos anos

- a.() Até 5 anos de idade
b.() Entre 5 e 10 anos
c.() Entre 10 e 15 anos
d.() Entre 15 e 18 anos

e.() Mais de 18 anos
f.() Sempre sofreu

52. Quem foi o agressor:

- a. () Pai
b. () Mãe
c. () Padrasto
d. () Madrasta
e. () Avó
f. () Avô
g. () Tio
h. () Tia
i. () Irmãos
j. () Primos
k. () Outros
l. () Quem _____

EXEMPLOS	
Tipo de violência	Exemplos
Violência física	Tapas; empurrões; socos; mordidas; chutes; queimadura; cortes; estrangulamento; agressões/lesões por armas e objetos; tirar de casa à força; amarrar; arrastar; e outros.
Violência sexual	Quaisquer carícias e/ou toques não desejáveis no corpo; uso de linguagem erótica; ser forçado (a) a fazer relação sexual ou a presenciar, estupro.
Violência psicológica	Humilhação; chantagem; ridicularização; ameaças e outros.

53. Como você se sentiu após a violência sofrida

- a.() Ruim
b.() Um pouco ruim
c.() Mais ou menos ruim
d.() Muito ruim
e.() Horrível
f.() Com muita raiva
g.() Não lembro

54. Você contou para alguém da sua família

- a.() Não
b.() Sim. Quem? _____

55. Hoje em dia como você se sente em relação à violência sofrida

- a.() Ruim
b.() Um pouco ruim
c.() Mais ou menos ruim
d.() Muito ruim
e.() Horrível

56. Você tem algum irmão (ã) que sofreu algum tipo de violência dentro de casa? a.() Sim

- b.() Não
c.() Não sei

57. Você sabe quantos anos ele (a) tinha?

- a.() Até 5 anos de idade
- b.() Entre 5 e 10 anos
- c.() Entre 10 e 15 anos
- d.() Entre 15 e 18 anos
- e.() Mais de 18 anos

58. Ao longo da vida, sofreu ou sofreu preconceito:

- ①Nunca
②Quase nunca
③ Às vezes ④ Quase sempre ⑤ Sempre

a) Por morar onde moro (bairro, favela)	①	②	③	④	⑤
b) Pelo fato de ser homem ou ser mulher	①	②	③	④	⑤
c) Pela cor da minha pele	①	②	③	④	⑤
d) Por estudar em uma determinada escola	①	②	③	④	⑤
e) Por causa do trabalho dos meus pais	①	②	③	④	⑤
f) Por causa do meu nível socioeconômico	①	②	③	④	⑤
g) Por causa da minha religião	①	②	③	④	⑤
h) Por causa da minha aparência física	①	②	③	④	⑤
i) Por ser deficiente	①	②	③	④	⑤
j) Pelas minhas escolhas sexuais	①	②	③	④	⑤
l) Por ter a idade que eu tenho	①	②	③	④	⑤
m) Por causa do meu trabalho	①	②	③	④	⑤
n) Por ser pobre	①	②	③	④	⑤
o) Por ser indígena	①	②	③	④	⑤
p) Por ter alguma doença	①	②	③	④	⑤

Fonte: Adaptado do Questionário Juventude Brasileira (2010).

59. Você já pensou em se matar?

- a. () Não
- b. () Sim Quantas vezes: _____

60. Você já tentou se matar?

- a. () Não
- b. () Sim Quantas vezes: _____
- c. Quantos anos você tinha quando tentou se matar pela primeira vez? _____
- d. Quando você tentou se matar, como foi que você fez? (Marque mais de uma resposta se for o caso)
 - a. () Com faca, tesoura, canivete a1. Quantas vezes: _____
 - b. () Com revólver b1. Quantas vezes: _____
 - c. () Enforcado c1. Quantas vezes: _____
 - d. () Com remédios, venenos d1 Quantas vezes: _____
 - e. () Atropelamento e1 Quantas vezes: _____
 - f. () Queda provocada (viadutos, edifícios,...) f1. Quantas vezes: _____
 - g. () Com fogo g1. Quantas vezes: _____
 - h. () Outro: _____ h1. Quantas vezes: _____

Fonte: Questionário Juventude Brasileira (2010)

61. Marque com um X no número correspondente à sua opinião sobre as seguintes afirmações:

- ①Nunca
②Quase nunca
③ Às vezes

- ④ Quase sempre
⑤ Sempre

a	Eu sinto que pertenço a minha comunidade/bairro	①	②	③	④	⑤
b	Eu posso confiar nas pessoas da minha comunidade/bairro	①	②	③	④	⑤
c	Eu me sinto seguro na minha comunidade/bairro	①	②	③	④	⑤
d	Eu posso contar com meus vizinhos quando preciso deles	①	②	③	④	⑤
e	Eu posso contar com alguma organização/instituição comunitária quando preciso	①	②	③	④	⑤
f	Minha comunidade tem melhorado nos últimos cinco anos	①	②	③	④	⑤
g	Eu posso falar de você ou sobre seus problemas	①	②	③	④	⑤
h	Eu posso contar com meus vizinhos para dar informações que o ajude a compreender uma determinada situação	①	②	③	④	⑤

Fonte: Adaptado do Questionário Juventude Brasileira (2010).

62. Marque com um X no número que corresponde à sua opinião sobre as seguintes afirmações:

- ① Nunca
② Quase nunca
③ Às vezes
④ Quase sempre
⑤ Sempre

a	Sinto que sou uma pessoa de valor como as outras pessoas	①	②	③	④	⑤
b	Eu sinto vergonha de ser do jeito que sou	①	②	③	④	⑤
c	Às vezes, eu penso que não presto para nada	①	②	③	④	⑤
c	Sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas	①	②	③	④	⑤
e	Levando tudo em conta, eu me sinto um fracasso	①	②	③	④	⑤
f	Às vezes, eu me sinto inútil	①	②	③	④	⑤
g	Eu acho que tenho muitas boas qualidades	①	②	③	④	⑤
h	Eu tenho motivos para me orgulhar na vida	①	②	③	④	⑤
i	De modo geral, eu estou satisfeito (a) comigo mesmo(a)	①	②	③	④	⑤
j	Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo (a)	①	②	③	④	⑤

Fonte: Adaptado do Questionário Juventude Brasileira (2010).

63. Marque com um X no número que corresponde à sua opinião sobre as seguintes afirmações:

- ① Não é verdade a meu respeito
② É dificilmente verdade a meu respeito
③ É moderadamente verdade a meu respeito
④ É totalmente verdade a meu respeito

a	Se estou com problemas, geralmente encontro uma saída	① ② ③ ④
b	Mesmo que alguém se oponha eu encontro maneiras e formas de alcançar o que quero	① ② ③ ④
c	Tenho confiança para me sair bem em situações inesperadas	① ② ③ ④
d	Eu posso resolver a maioria dos problemas, se fizer o esforço necessário	① ② ③ ④
e	Quando eu enfrento um problema, geralmente consigo encontrar diversas soluções	① ② ③ ④
f	Consigo sempre resolver os problemas difíceis quando me esforço bastante	① ② ③ ④
g	Eu acho que sou capaz de fazer coisas tão bem quanto a maioria das pessoas	① ② ③ ④
h	Tenho facilidade para persistir em minhas intenções e alcançar meus objetivos	① ② ③ ④
i	Devido às minhas capacidades, sei como lidar com situações imprevistas	① ② ③ ④
j	Eu me mantenho calmo mesmo enfrentando dificuldades porque confio na minha capacidade de resolver problemas	① ② ③ ④
k	Eu geralmente consigo enfrentar qualquer adversidade.	① ② ③ ④

Fonte: Adaptado do Questionário Juventude Brasileira (2010).

64. Use a seguinte escala para indicar suas chances de:

- ① Muito Baixas
 ② Baixas
 ③ Média (Cerca de 50%)
 ④ Altas
 ⑤ Muito Altas

A	Concluir o ensino médio (segundo grau)	① ② ③ ④ ⑤
B	Entrar na Universidade	① ② ③ ④ ⑤
C	Ter um emprego que me garanta boa qualidade de vida	① ② ③ ④ ⑤
D	Ter minha casa própria	① ② ③ ④ ⑤
E	Ter um trabalho que me dará satisfação	① ② ③ ④ ⑤
F	Ter uma família	① ② ③ ④ ⑤
G	Ser saudável a maior parte do tempo	① ② ③ ④ ⑤
H	Ser respeitado na minha comunidade	① ② ③ ④ ⑤
I	Ter amigos que me darão apoio	① ② ③ ④ ⑤
J	Trabalhar primeiro e só depois entrar na universidade	① ② ③ ④ ⑤
K	Começar ou pretende começar a trabalhar antes dos 18 anos	① ② ③ ④ ⑤

Fonte: Adaptado do Questionário Juventude Brasileira (2010).

65. O que mais preocupa você hoje no seu bairro ou na sua comunidade

66. Como você classifica as condições de seu bairro (local de moradia). a.() Ótima

- b.() Boa
 c.() Ruim
 d.() Péssima

e.() Regular

67. O que contribui para a classificação acima? (Numere em ordem de contribuição onde 01 é o que mais contribui). a.() Condições de educação

b.() Condições de segurança

c.() Condições de alimentação

d.() Condições de Saúde

e.() Moradia

f.() Saneamento

g.() Condições de transporte

h.() Comércio – economia do bairro

i.() Condições de trabalho, emprego e renda das famílias

j.() Tráfico de drogas.

k.() Violência.

l.() Outros. Quais? _____

68. Nos últimos anos, a criminalidade no seu bairro:

a.() Aumentou

b.() É mais ou menos a mesma

c.() Diminuiu

69. Como você se sente no seu bairro

a.() Inseguro

b.() Muito inseguro

c.() Mais ou menos seguro

70. O que você faz para se proteger da violência ou se sentir seguro

① Nunca

② Quase nunca

③ Às vezes

④ Quase sempre

⑤ Sempre

A	Evita andar sozinho	①	②	③	④	⑤
B	Evita sair de casa à noite	①	②	③	④	⑤
C	Evita sair de casa quando a rua está escura	①	②	③	④	⑤
D	Deixa de ir a bares, festas e boates	①	②	③	④	⑤
E	Não volta para casa de madrugada	①	②	③	④	⑤
F	Deixa de frequentar casa de amigos ou colegas	①	②	③	④	⑤
G	Dependendo do horário, prefere andar de táxi	①	②	③	④	⑤

71. O nível de policiamento no seu bairro

a.() Diminuiu

b.() Continua mais ou menos o mesmo

c.() Aumentou

72. Nos últimos 5 anos você foi vítima de algum tipo de violência na sua cidade? a.() Sim

b.() Não

73. Você já teve algum parente, amigo, colega ou vizinho assassinado?

a.() Sim. Quantos anos ele / ela tinha? _____ b.() Não

74. Nos últimos 5 anos, algum colega ou amigo fez alguma das coisas abaixo

		Uma vez	Algumas vezes	Muitas vezes	Nenhuma vez
A	Andou armado (a)				
B	Ameaçou alguém com arma de fogo ou outro tipo de arma				
C	Matou alguém				
D	Ameaçou matar alguém				
E	Assaltou alguém				
F	Foi ferido por algum tipo de arma				
G	Feriu alguém				
H	Agrediu ou espancou alguém				

75. Você já comprou algum tipo de arma para se defender da violência? a.() Sim
b.() Não

76. O principal motivo do aumento da violência na sociedade é:

- ①Discordo totalmente
②Discordo um pouco
③Não concordo nem discordo
④Concordo um pouco
⑤Concordo totalmente

a	Desemprego	①	②	③	④	⑤
b	Pobreza	①	②	③	④	⑤
c	Drogas	①	②	③	④	⑤
d	Falta de educação	①	②	③	④	⑤
e	Falta de oportunidades	①	②	③	④	⑤
f	Falta de políticas públicas	①	②	③	④	⑤
g	Descrença na lei	①	②	③	④	⑤

77. Quais os principais crimes que acontecem na sua cidade:

- a. () Assaltos
b. () Homicídios
c. () Tráfico de drogas
d. () Brigas
e. () Sequestros

78. Quem mais comete os crimes da questão anterior

- a. () Adolescentes
b. () Jovens
c. () Adultos
d. () Policiais
e. () Outros. Quem: _____

79. Quais são as melhores opções para diminuir a violência em seu Bairro?

- ①Discordo totalmente
②Discordo um pouco
③Não concordo nem discordo
④Concordo um pouco
⑤Concordo totalmente

a	Aumentar o número de policiais nas ruas	①	②	③	④	⑤
b	Aumentar as oportunidades de trabalho	①	②	③	④	⑤
c	Aumentar as penas dos crimes cometidos	①	②	③	④	⑤
d	Diminuir a maioria penal	①	②	③	④	⑤
e	Promover programas sociais: Lazer e prática de esportes	①	②	③	④	⑤
f	Promover uma educação com qualidade	①	②	③	④	⑤

80. O que você acha que poderia haver em seu bairro para melhorar sua vida e de outros jovens?

81. Você conhece alguma instituição no seu bairro que trabalhe para o benefício dos adolescentes e jovens? Quais?

82. Neste espaço você pode escrever alguma coisa que você ainda queira dizer sobre você ou sobre as perguntas que você respondeu:

OBRIGADO POR SUA ATENÇÃO,
Equipe da pesquisa.

ANEXO 02:

APROVAÇÃO DO PROJETO NO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO JOÃO DE BARROS BARRETO DA UFPA.

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade).

Pesquisador: LUCIA ISABEL DA CONCEICAO SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 67268317.5.0000.0017

Instituição Proponente: Universidade Federal do Pará

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.082.557

Apresentação do Projeto:

A Pesquisa tem por objetivo construir compreensão abrangente sobre o fenômeno da violência contra crianças, adolescentes e jovens e possibilidades de enfrentamento, identificando exposição à violência, concepções dos sujeitos e instituições, atuação da rede de proteção e impactos nos processos de desenvolvimento. Para isto seguirá um desenho metodológico de associação de metodologias (quantitativa e qualitativa) que permitam tanto revelar padrões ou comportamentos mais grupais (dados quantitativos) quanto as dimensões de processos e significações, que podem ser acessados pelas metodologias qualitativas; além disso, acredita-se contribuir com a própria discussão da validade da multimetodologia na investigação dos processos de desenvolvimento humano (DESSEN & COSTA, 2005). Dessa forma, serão adotados os seguintes procedimentos e instrumentos: Instituições: O estudo será realizado em duas instituições da Rede de Proteção de Direitos: Escola e Conselhos Tutelares de um bairro da Periferia da cidade de Belém (Pará). Participarão deste estudo 650 adolescentes e jovens com idades entre 14 e 29 anos, de ambos os sexos, residentes na cidade de Belém, estado do Pará e estudantes de cinco escolas de um bairro da periferia da cidade (02 escolas de Ensino Fundamental e 03 escolas de Ensino Médio). Serão aplicados sete (07) instrumentos ou procedimentos diferentes, segundo a descrição a seguir: 1) Inventário sociodemográfico e de

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487

Bairro: GUAMA

CEP: 66.073-000

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-6754

Fax: (91)3201-6663

E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



Continuação do Parecer: 2.082.557

identificação de eventos, exposição e percepções sobre a violência para adolescentes e jovens – ISD-IEEPV”, que será aplicado para 650 adolescentes e jovens; 2) Questionário de Redes Sociais Pessoais, com objetivo de coletar dados da rede pessoal dos sujeitos e será aplicado a 50 adolescentes e jovens (escolhidos por conveniência); Inventário de eventos estressores na adolescência, que será aplicado para 200 adolescentes (escolhidos por conveniência) com objetivo de compreender a frequência e o impacto de situações estressantes na adolescência; 4) Além disso, uma sub amostra de 60 adolescentes e jovens (escolhidos por conveniência) participarão de Grupos Focais (GFs). Serão realizados 04 Grupos Focais, com 15 adolescentes e jovens cada. Outra sub amostra de 08 jovens (sendo 04 do sexo masculino e 04 do sexo feminino), também escolhidos por conveniência, dos quais serão colhidos “relatos de vida” (RV), a partir de uma questão desencadeadora (fale de você e de sua vida até aqui, como cresceu, o que faz, como vive – comece por onde você desejar). Esta será aplicada com adolescentes e jovens, visando identificar trajetórias desenvolvimentais, exposição à violência e percepções e significados sobre risco e proteção nessas trajetórias. O objetivo desta metodologia é partir / provocar um relato reflexivo sobre as trajetórias de adolescentes e jovens, de forma a emergir suas vivências e junto com estas, as significações e sentidos construídos sobre estas. Este procedimento será desenvolvido em dois momentos: um primeiro onde se colhe os relatos, que após transcritos, serão devolvidos e discutidos com os sujeitos, momento no qual podem ser reafirmados ou reelaborados, caso desejem. Pensa-se que os “relatos de vida”, permitirão compreender as trajetórias dos sujeitos e os processos de transformações ocorridos, colocando os assim, em relação com o contexto cultural e social mais amplo. Assume-se assim, este processo ao mesmo tempo, como um momento de pesquisa e formação e reflexão identitária (JOSSO, 2014). Ainda na escola será aplicado um Roteiro de observação de espaço, práticas e rotinas na escola - ROEPR, visando uma leitura de contexto. Como momento final, os resultados e dados coletados serão, após sistematizados, apresentados e discutidos nas escolas em forma de oficinas e sessões de debates e encaminhamentos coletivos.

Objetivo da Pesquisa:

Construir compreensão abrangente sobre o fenômeno da violência contra crianças, adolescentes e jovens e possibilidades de enfrentamento, identificando exposição à violência, eventos estressores, concepções dos sujeitos e instituições, atuação das redes sociais frente ao apoio e proteção e os impactos nos processos de desenvolvimento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Em relação aos riscos, a pesquisa apresenta risco mínimo, ou seja, o mesmo risco existente em

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487

Bairro: GUAMA

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-6754

Fax: (91)3201-6663

CEP: 66.073-000

E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



Continuação do Parecer: 2.082.557

atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc. Caso os participantes se sintam mal, apresentem algum desconforto e/ou coisa ruim durante a realização da pesquisa, será disponibilizado um profissional para prestar o atendimento necessário. Os participantes também poderão, a qualquer momento, solicitar alguém da equipe da pesquisa pessoalmente ou pelo telefone que está disposto no TCLE.

Benefícios:

Com este projeto espera-se contribuir para a compreensão do que é ser adolescente e jovem na Amazônia Brasileira, ampliando um banco de dados de variáveis sobre fatores de risco e proteção na adolescência e juventude, podendo inclusive servir para análises comparativas com amostras nacionais e internacionais. De forma geral, espera-se ampliar a compreensão acerca do contexto Amazônico e sua população, dando visibilidade às questões e problemas específicos da região, contribuindo para o enfrentamento destes; especificamente, contribuir com a produção de conhecimento sobre a garantia dos direitos de crianças, adolescentes e jovens na realidade brasileira e em contextos específicos. Espera-se que os resultados deste projeto ofereçam indicadores para a dinamização de rede de proteção e garantia de direitos e ainda subsídios às políticas públicas de implementação e fortalecimento das ações do Estatuto da Criança e do Adolescente. Espera-se ainda que os resultados deste projeto ofereçam subsídios às políticas públicas de atendimento a esta população e a projetos de intervenção e promoção de desenvolvimento saudável junto a adolescentes e jovens, em especial que possam contribuir com as escolas na construção de propostas pedagógicas de enfrentamento à violência que hoje se amplia dentro do contexto escolar. Além destes, pretende-se: Gerar a elaboração de monografias de conclusão de cursos de graduação, dissertações de mestrado e tese de doutorado. Introdução de dois alunos de graduação em Iniciação Científica e produzir dois Trabalhos de Conclusão de Curso; Apresentar os resultados em congressos científicos da área, promovendo o debate acadêmico sobre a juventude amazônica e produzir artigos em periódicos indexados. Realizar um Seminário Estadual sobre Adolescência, Juventude e Políticas Públicas. Por fim, a expectativa é que este estudo contribua na consolidação de um grupo de estudos sobre Infância, adolescência e juventude e seus processos e fatores de vulnerabilidade e de proteção na Amazônia, bem como a implantação de um observatório da Adolescência e Juventude, que acompanhe a implementação e o acesso às políticas públicas e promova o debate e a circulação de conhecimento sobre a temática.

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487

Bairro: GUAMA

CEP: 66.073-000

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-6754

Fax: (91)3201-6663

E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



Continuação do Parecer: 2.082.557

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante. Os resultados desta pesquisa poderão oferecer subsídios às políticas públicas de atendimento a esta população e a projetos de intervenção e promoção de desenvolvimento saudável junto a adolescentes e jovens, em especial que possam contribuir com as escolas na construção de propostas pedagógicas de enfrentamento à violência que hoje se amplia dentro do contexto escolar.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos foram apresentados e corrigidos, conforme parecer anterior.

Recomendações:

Recomendamos a coordenação que mantenha atualizados todos os documentos pertinentes ao projeto.

Deverá também ser informado ao CEP:

Relatório Semestral;

Relatório Final;

Envio de Relatório de Cancelamento;

Envio de Relatório de Suspensão de projeto;

Comunicação de Término do projeto na Plataforma Brasil.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendências foram corrigidas. Aprovado neste Colegiado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, este Colegiado manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa por estar de acordo com a Resolução nº466/2012 e suas complementares do Conselho Nacional de Saúde/MS.

Ainda em atendimento a Res. 466/2012 esclarecemos que a responsabilidade do pesquisador é indelegável, indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais. Além de apresentar o protocolo devidamente instruído ao CEP ou à CONEP, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa; de elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;

Cabe ainda ao pesquisador:

1- desenvolver o projeto conforme delineado;

2- Em acordo com a Resolução 466/12 CNS, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d, os pesquisadores responsáveis deverão apresentar relatórios parcial semestral e final do projeto de pesquisa, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa. Os relatórios deverão ser

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487

Bairro: GUAMA

CEP: 66.073-000

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-6754

Fax: (91)3201-6663

E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

**UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA**



Continuação do Parecer: 2.082.557

inseridos no Sistema Plataforma Brasil pelo ícone "Inserir Notificação" disponível para projetos aprovados.

3- apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP, a qualquer momento;

4- manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 05 anos após o término da pesquisa;

5- encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;

6- justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetopesquisasobreviolencias.doc	24/05/2017 11:06:40	Orlando da Gama Rodrigues	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_859303.pdf	07/05/2017 08:15:33		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeassentimentomaiorde18.pdf	07/05/2017 08:14:29	LUCIA ISABEL DA CONCEICAO SILVA	Aceito
Outros	termodeassentimentomenores.pdf	07/05/2017 08:12:47	LUCIA ISABEL DA CONCEICAO SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_violencias_luciasilva.pdf	17/04/2017 12:05:48	LUCIA ISABEL DA CONCEICAO SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	02/02/2017 14:48:00	LUCIA ISABEL DA CONCEICAO SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487

Bairro: GUAMA

CEP: 66.073-000

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-6754

Fax: (91)3201-6663

E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



Continuação do Parecer: 2.082.557

BELEM, 25 de Maio de 2017

Assinado por:
Cleonardo Augusto da Silva
(Coordenador)

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487
Bairro: GUAMA **CEP:** 66.073-000
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3201-6754 **Fax:** (91)3201-6663 **E-mail:** cephujbb@yahoo.com.br

Página 06 de 06